

ROZZ MESSIAS

ORGANIZADORA

POEMAS E CONTOS EXTRAORDINÁRIOS

**POEMAS E CONTOS
SOBRE LITERATURA FANTÁSTICA**



SELO

CONEXÃO LITERATURA

ROZZ MESSIAS

ORGANIZADORA

Copyright © por Autores

Organização: Rozz Messias

Projeto editorial por Ademir Pascale

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

Obra protegida por direitos autorais

2021

“O conhecimento é uma arma. Arme-se bem antes de ir para a batalha.”
Meistre Aemon - Game of Thrones

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS POEMAS E CONTOS

Introdução: Por Fernanda Miranda, pág. 04
Crônicas e Nárnia, por Gabi Messias, pág. 07
Caçador, por Guilherme Torres, pág. 09
Arabela e o Andarilho, por Malu Paixão, pág. 11
Matinta Perera, por Manzi, J.G., pág. 15
Mãe D'ouro, por Manzi, J.G., pág. 18
Os sons da noite, por Katia Andrade, pág. 21
Cinderela, por Lais de Aguiar, pág. 24
Paralelos, por Maria Ferreira Dutra, pág. 26
Monotonia do Nada, por Marthinha Böker, pág. 29
Passeando entre páginas, por Natália Luna, pág. 32
Não havia uma luz no fim do túnel, por Pedro Panhoca, pág. 34
Orfeu (Ser um poeta), por Renata da Costa, pág. 36
A divina centelha (Frankenstein), por Roberto Schima, pág. 39
Sereia, por Rozz Messias, pág. 42
Esfinge lunar, por Tauã Lima Verdan Rangel, pág. 46
Asas oníricas de Ícaro, por Tauã Lima Verdan Rangel, pág. 48
Samurai, por Vânia Pontes, pág. 50
Morgana Le fay, por ViPiAr, pág. 52
Quando a face de um deus, por ViPiAr, pág. 55
Laila e os caçadores de demônios, por Ademir Pascale, pág. 63
Magimpérios, por Alessandro Mathera, pág. 72
A lenda de Ema Valiente, por Giovanna Rubbo, pág. 79
Surpresa à meia noite, por Liana Zilber Vivekananda, pág. 83
Conheça outros títulos da coleção, pág. 87

Organização: Rozz Messias - E-mail: rozz.mcs@gmail.com

Capa, arte e diagramação: Ademir Pascale - E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.facebook.com/conexaoliteratura



INTRODUÇÃO

Ah, a literatura fantástica! O digno refúgio das nossas mentes quando sucumbimos às aflições e tensões da vida real e precisamos de um oásis imaginário...

Ou mesmo quando buscamos apenas sair da rotina comum com histórias em mundos completamente diferentes do mundo que encontramos na nossa vida cotidiana.

Algo que nos carrega automaticamente para longe no tempo e espaço... Nos faz viajar para terras distantes ainda que para tanto nem precisemos sair do lugar.

E lá estaremos enfrentando dragões ou possuindo a lealdade de tais poderosas criaturas, cavalgando unicórnios, ou lutando em batalhas épicas com armas medievais e auxílio de magia... Nadando entre sereias ou sendo uma delas, acompanhando heróis e poetas gregos em suas míticas jornadas, desvendando enigmas de esfinges ou voando com asas oníricas e literalmente passeando entre páginas...

Não esquecendo também as lendas arthurianas, das quais citarei seu mais notório fruto dos tempos mais modernos — Brumas de Avalon, da incrível e terrível Marion Zimmer Bradley — que há décadas captura nossa imaginação, a despeito de suas complexas origens, com sua trama medieval impregnada de uma atmosfera ao mesmo tempo mística e épica nos fazendo ver o mundo pelos olhos da igualmente complexa Morgana Le Fay.

Ainda temos as viagens mais afáveis pelo mundo da fantasia que desde nossa primeira dezena de anos nesta terra já nos ensinavam a importância de se visitar terras imaginárias, tais como O Mágico de Oz, História Sem Fim, Coração de Dragão, As crônicas de Nárnia, Eragon, Willow na Terra da Magia e A Lenda, que com suas lições de coragem, lealdade e esperança nos

encantaram e nos iniciaram nesta senda feérica de elementos medievais utópicos e romanceados.

Assim certamente podemos aqui destacar também odes aos seres extraordinários de nossa própria mitologia, tão rica, nos permitindo também visitar o reino da Mãe D'ouro e acompanhar sem medo o voo noturno da Matinta Perera...

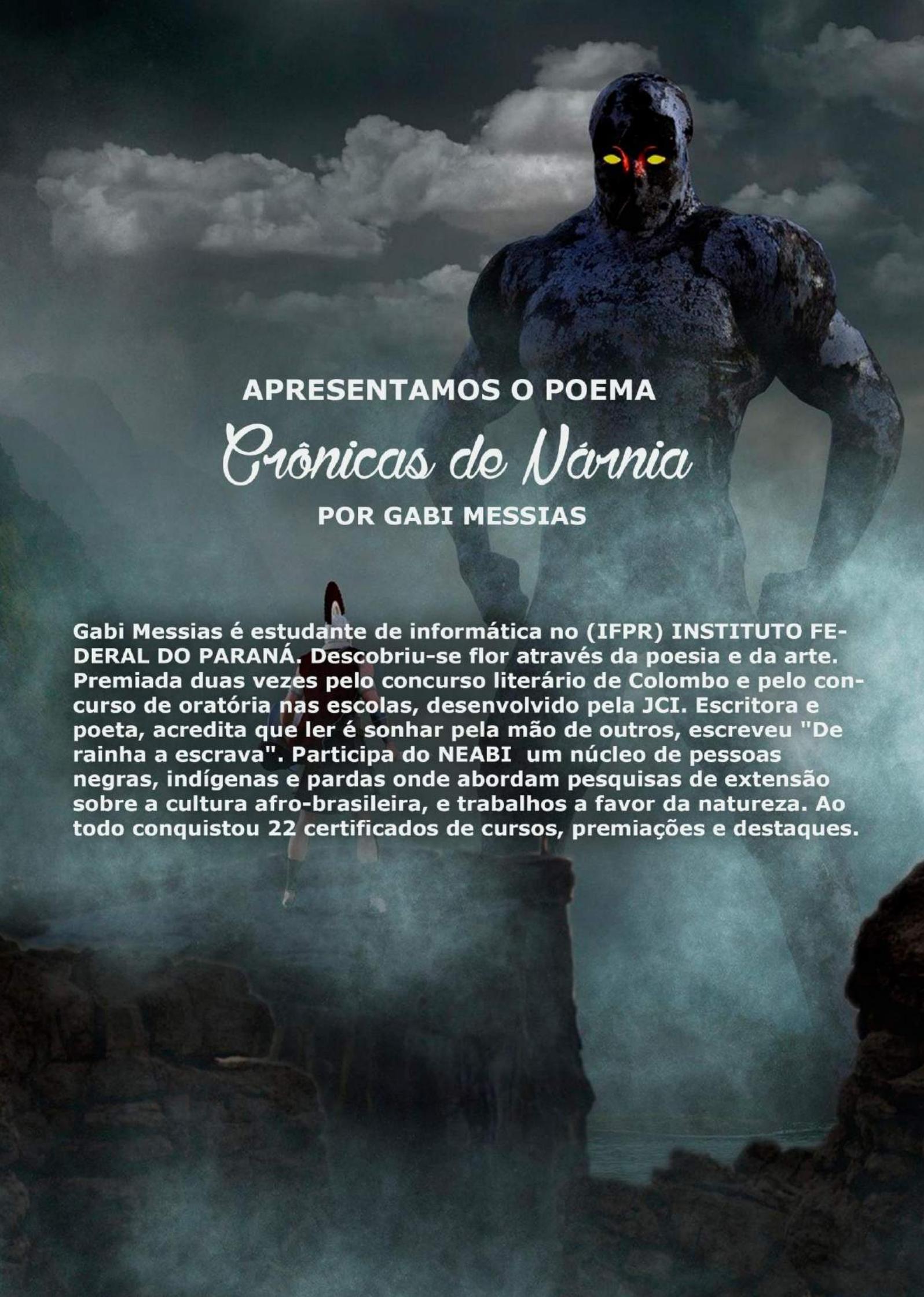
Encontraremos nesta antologia verdadeiras odes aos diversos tipos de reinos fantásticos, e suas atmosferas, entoadas com veemência por bardos e bardas brasileiros, para que com eles possamos nos transportar automaticamente para uma taverna, onde estaremos a ouvir seus versos ou suas narrativas, e quem sabe assim encontrar nossa luz no fim do túnel. Boa Viagem!

Fernanda Miranda



POEMAS





APRESENTAMOS O POEMA

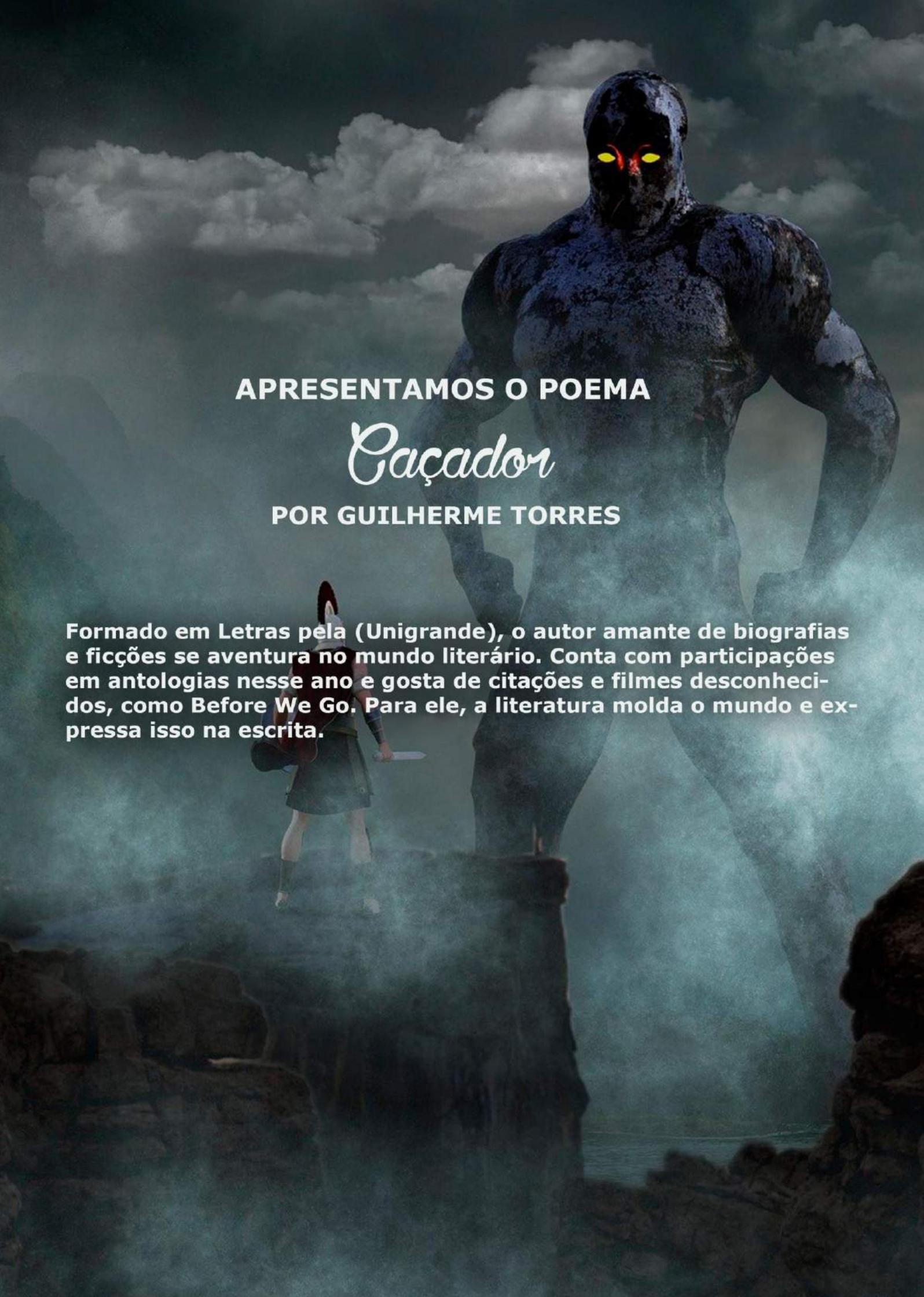
Crônicas de Nárnia

POR GABI MESSIAS

Gabi Messias é estudante de informática no (IFPR) INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ. Descobriu-se flor através da poesia e da arte. Premiada duas vezes pelo concurso literário de Colombo e pelo concurso de oratória nas escolas, desenvolvido pela JCI. Escritora e poeta, acredita que ler é sonhar pela mão de outros, escreveu "De rainha a escrava". Participa do NEABI um núcleo de pessoas negras, indígenas e pardas onde abordam pesquisas de extensão sobre a cultura afro-brasileira, e trabalhos a favor da natureza. Ao todo conquistou 22 certificados de cursos, premiações e destaques.

Vejo neve no chão
E um guarda roupa
Num instante descobro que feliz já foi esse lugar
Nárnia foi tomada pela feiticeira do gelo
e sem dó nem piedade a todos ela congelou.
Sou a mais nova, a qual na brincadeira de esconde-esconde
o guarda roupa achou
e Nárnia a primeira filha de Eva visitou
Centuros, faunos, gigantes e outros animais falantes
vivem neste lugar.
A maldição dela tomou conta e nem o Natal existe mais.
Onde está o Leão Aslan, onde? Junto com os filhos de Adão e Eva
ele vai lutar e com a profecia da feiticeira Jadis, acabar
A profecia diz que dois filhos de Eva e dois filhos de Adão
irão vir me derrotar e com o meu frio reinado acabar
Lúcia, Pedro, Susana e Edmundo, qual será o primeiro que irei
decapitar?
Aslan, o rei de Nárnia voltou e a guerra começou, lutas e batalhas,
quem irá ganhar?
Será que os filhos de Adão e Eva, vão conseguir Nárnia salvar?
A guerra passou, Aslan ganhou
e a coroa a todos eles, ele entregou
E quatro Reis em Nárnia vão habitar...
O Amor e Esperança à Nárnia retornaram...
E as crônicas vão continuar, é só esperar o tempo passar
porque o Rei Aslan em breve voltará....





APRESENTAMOS O POEMA

Caçador

POR GUILHERME TORRES

Formado em Letras pela (Unigrande), o autor amante de biografias e ficções se aventura no mundo literário. Conta com participações em antologias nesse ano e gosta de citações e filmes desconhecidos, como *Before We Go*. Para ele, a literatura molda o mundo e expressa isso na escrita.

Aquele garoto
De frente à arena
Organizada e empilhada
Escolheria qual batalha travar
E por Idris quis lutar
Caçador se tornou
Abençoado pelo anjo foi
Como Alec, Jace, Clary e outros
Marcados por runas
Foi
Ao encontro de Magnus, que falou:
“Venha conosco até Edom”
Não teve como negar o pedido
Do Alto Feiticeiro
Minhas runas ardiam
Quando o demônio atacava
Era injusto o adeus à perda
De quem amamos
É uma dor desumana
E entristecia o caçador
Que bravamente lutou
Quando a batalha acabou
E muitas lembranças guardou.





APRESENTAMOS O POEMA

Arabela e o Andarilho

POR MALU PAIXÃO

Malu Paixão é atriz e contadora de histórias, formada pela Universidade Anhembi Morumbi (2013) e pelos cursos Básico e Avançado de Narradores de Histórias da Biblioteca Hans Christian Andersen. A divulgação de seu trabalho literário deu-se através das primeiras publicações com o projeto artístico independente "Contos de Pandora", que pesquisa e encena narrativas voltadas à literatura de terror e tudo o que permeia esse universo. Anteriormente suas publicações eram compartilhadas em um portal virtual que manteve por anos, alternando narrativas familiares e poesia.

Nas ruínas de um pesadelo,
em um simplório sobrado,
vagava verticalmente, sem zelo,
entre frestas, um homem amargurado.

Vivia só, num casebre maldito...
E não estranhem afirmação veemente:
Embora fosse dono de olhar aflito,
Andava nas paredes tranquilamente.

Pois bem, o estranho não tocava o chão,
não se sabe ao certo desde quando.
Nos arredores não se via um aldeão
e, por distâncias, era só silêncio; e tanto!

Nos ventos, dias; na história, nos planos...
Chegaram então nobres ares de mudança
certa vez, portanto, única entre os anos,
assim contam, arriscara-se uma criança.

"Arabela". Trazia no olhar a pureza da vida.
Era jovem resguardada em tempo atroz.
Ao chegar na aldeia, em prece aturdida,
logo foi encaminhada em direção ao algoz.

Chegou no casebre fétido, insalubre,
desbravando os murmurosos grunhidos.
Entrou sem bater, tão solitária, lúgubre;
seguindo o delinear dos alaridos.

Entrara sozinha, apesar da pouca idade
e, embora julguem tal cena desprezível,

Arabela seguia sem medo, nem novidade.
Em terra abandonada, tudo parecia possível.

Ouvia os passos ao redor da noite densa,
em divisórias ocas do casarão solitário.
Nas fracas estruturas, em letargia imensa
seguia no horror de seu vasto imaginário.

E foi no estreito corredor que o encontrou.
Ele, recurvado às paredes. Ela, ao chão.
Em olhar amarelado o homem a encarou.
Permaneceu, a pequena, inerte, sem reação.

Ele, aproximou-se letárgico, inebriado.
Encarava Arabela em uma sádica devoção.
E a criança, entregue ao seu cuidado
acentuava a angústia do sombrio casarão.

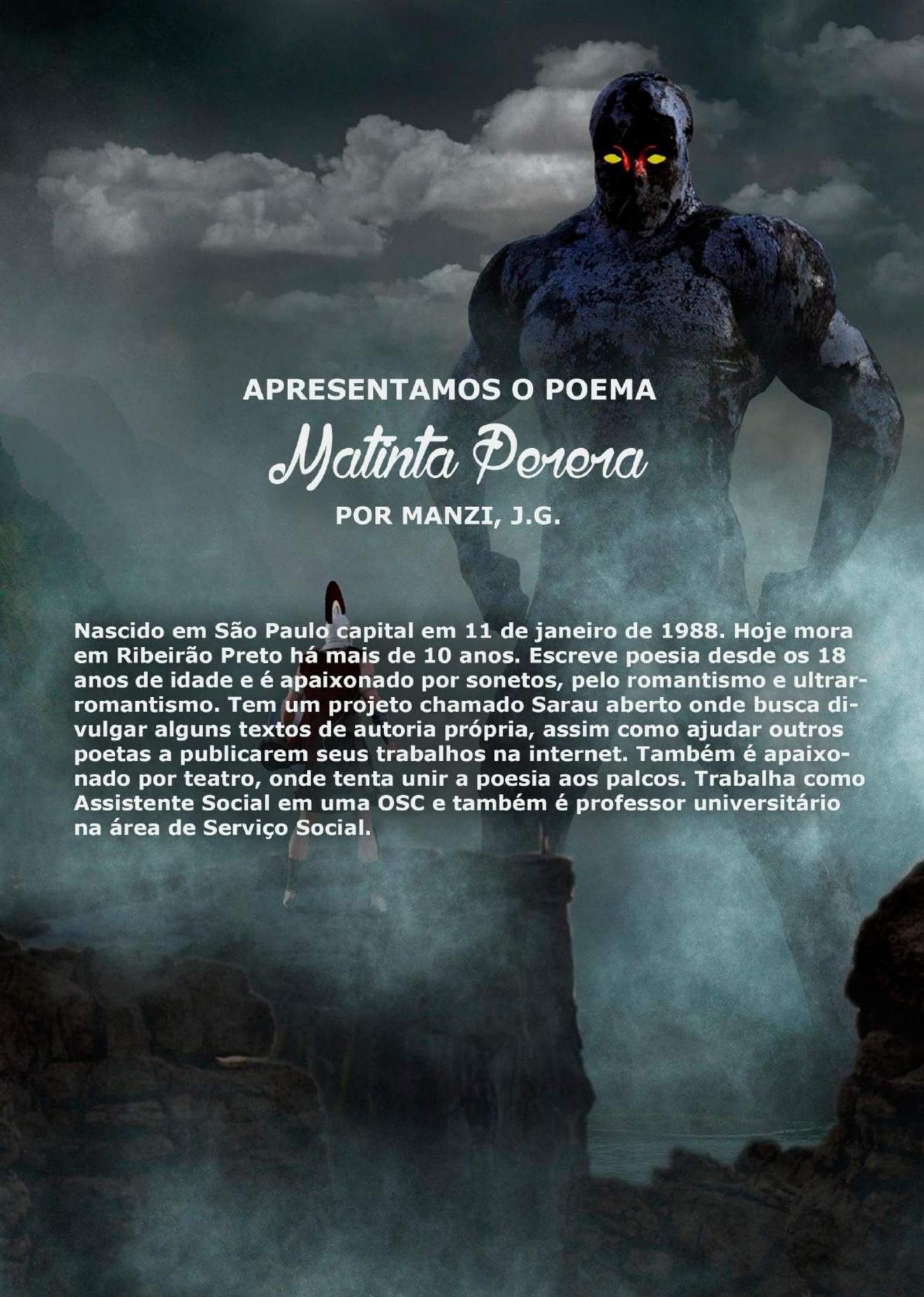
Foi quando estendeu seus braços eriçados
e a menina caminhou, sem emitir um ruído.
Sem verter som ou quaisquer pecados,
sendo erguida ao sótão pelo desconhecido.

Arabela foi arrastada pra cima com precisão,
pelo velho andarilho de estruturas verticais.
Um fato definitivo, a causar a impressão,
de que a jovem menina não voltaria, jamais...

Mas deu-se um tempo e o sótão se abriu.
Da portinhola deslizaram pés e mãos...
Arabela desceu, serena, como nunca se viu,
e do lugar, breve, chegaram os cidadãos.

A cidade, horrorizada, calou-se, por respeito,
e permanecem a nada contar sobre ela.
Mas lembram, até hoje, o estranho feito
do homem das paredes, morto por Arabela.





APRESENTAMOS O POEMA

Matinta Perera

POR MANZI, J.G.

Nascido em São Paulo capital em 11 de janeiro de 1988. Hoje mora em Ribeirão Preto há mais de 10 anos. Escreve poesia desde os 18 anos de idade e é apaixonado por sonetos, pelo romantismo e ultraromantismo. Tem um projeto chamado Sarau aberto onde busca divulgar alguns textos de autoria própria, assim como ajudar outros poetas a publicarem seus trabalhos na internet. Também é apaixonado por teatro, onde tenta unir a poesia aos palcos. Trabalha como Assistente Social em uma OSC e também é professor universitário na área de Serviço Social.

A lua a mostra.
No alto escuro céu.
Em cima do telhado,
o assobio sem véu.

Adentro da escuridão,
mais assobio, e os passos pesados,
um bater de asas intenso,
que os galhos voam dispersados.

E os assobios atormentam,
insistindo em quebrar o silêncio.
Assobios que parecem trazer trevas.
Mas não pago de jumêncio.

O luar sombrio
Se agita no telhado.
Com o terço na mão, mais assobio,
exausto me ponho a gritar

Volta amanhã Matinta.
Terá teu tabaco.
Volta amanhã Matinta.
Terá tua cachaça.

O assobio cessa,
Com um bater de asas,
o bicho some na floresta.
O medonho pássaro some depressa.

Pássaro agigantado,
de penas negras,

garras longas, bico curvado,
pele enrugada e a cara de bruxa

Ao amanhecer.

Matinta Pereira aqui tua cachaça.

Cumpro o combinado.

Meu lar quero livre de desgraça.

Matinta Pereira aqui teu tabaco.

Vai-te embora velha senhora.

Deixa este homem já perturbado.

Matinta cumpro o combinado.

E a velha encurvada,

segue caminhando pela mata,

gritando a quem queira responder

Quem quer? Quem quer? Quem quer?

Ai de quem responder, que quer.

A moça tomará a sua sina.

E outra Matinta nasce ao anoitecer.

E os assobios assim continuarão

Quem quer? Quem quer? Quem quer?





APRESENTAMOS O POEMA

Mãe D'ouro

POR MANZI, J.G.

Nascido em São Paulo capital em 11 de janeiro de 1988. Hoje mora em Ribeirão Preto há mais de 10 anos. Escreve poesia desde os 18 anos de idade e é apaixonado por sonetos, pelo romantismo e ultrarromantismo. Tem um projeto chamado Sarau aberto onde busca divulgar alguns textos de autoria própria, assim como ajudar outros poetas a publicarem seus trabalhos na internet. Também é apaixonado por teatro, onde tenta unir a poesia aos palcos. Trabalha como Assistente Social em uma OSC e também é professor universitário na área de Serviço Social.

Depois de chibatadas, nas noites
açoitado no tronco,
então mais chibatadas
madrugada adentro de açoites.

Senhorzinho cruel
A ganância o consumiu a alma
Mais tortura e castigo,
Logo eu, que tanto fui fiel

Cadê meu ouro! Ele dizia
Mais castigo e a chibata estrala
Sofrimento e sangue do meu couro
Pés descalços, solidão, por tantas estradas

Cansado de buscar pelo ouro
Depois de tantas rezas e trevas
Pedi a minha Mãe D'ouro
Medo de que me arranque mais couro

Mãe D'ouro! Indica-me o caminho.
Traga-me à luz o ouro,
Que está adentrado à terra
Mãe D'ouro! Aponta-me o caminho.

Então, ela com seu dourado pujante
Coberta de formosura e beleza
Com sua pele de fogo ardente
Cabelos negros e olhos flamejantes

Ajoelhei-me diante de sua presença majestosa
Com a voz doce e um olhar de fúria

Cada cicatriz em meu corpo ela mirava
Com as mãos de fogo a minha pele toca, tão amorosa

Como uma mãe que livra esse mau agouro
a escuridão do meu pesar se afasta
e enfim uma esperança à minha sina
Mãe D'ouro, onde está o ouro?

Como um raio que corta os céus
Ela desaparece e ressurgue a várias distâncias
Corro atrás com um desespero que me engole
então vejo a terra retirar seus véus

Ali! onde a mãe apontara repousa o ouro latejante
Enfim minha demanda acabara
e os castigos me serão poupados em recompensa
Ali! repousa a ambição

Minha senhora, me fez prometer
Leva o ouro que quiser,
Mas nunca revele seu local de repouso
Livra-te da cruel e perversidade daquele ambicioso!

Assim será feito para minha senhora
Carregarei o ouro para saciar meu patrão
Poupar minha vida e minha lamentação
Graças a Mãe D'ouro, poupou minha vida por hora.





APRESENTAMOS O POEMA

Os sons da noite

POR KATIA ANDRADE

Katia, cedo entendeu que a vida não era só o que se via, encontrou em seus pequenos livros universos incríveis, viajou por eles e desde então se vê mergulhada no seu universo fantástico. Leva para suas pequenas fadas, suas bagagens mágicas, mostrando com carinho que a vida é maravilhosa; Piscianis sonhadora, sonha com um mundo melhor e mais bonito, se agarra forte na esperança de dias de glórias para ela e para todos.

As manhãs sempre foram minhas
Tão minhas que nunca as dividia com ninguém
A ninguém pertencia, a ninguém dividia.
O meu amor era eu, de mim me bastava
Tão solta, somente o
Calor do sol, a brisa na pele
Minhas conversas soltas
Esse sempre foi o mundo meu.
Até meu dia se tornar noite.

Só, silêncio! Que me toma as horas?
O tempo era um estranho, estranhamento
Desespero, agonia...
Corria por entre os trigos, os mesmos que me faziam sorrir
Agora tudo me parece distante, frio sem cor
Das horas, dos minutos, dos segundos; nada...
A vila que estava logo ali, já não era mais meu lugar
A vida que me bastava, agora me embriagava, custei a entender e eu nem sequer
Percebi.
Horror.

Tão frio, fria, escuro, vazia, não sinto mais meu calor
— Onde estou?
Silêncio...
— Que, quem é você? Tirou-me a vida, o calor...
o silêncio que era tão meu me deixou...
Neste espaço, agora rouca, paro aflita e procuro
Um som ensurdecido, ouço batidas que...
Um coração? estou em desgraça
Choro!
Maldito!

Grandes asas, escuras como o ébano

Um pássaro feito homem ou seria um homem feito pássaro?
O horror ao qual me vi
Foi me completando por dentro, me enchendo e invadindo sem ao
Menos pedir licença. Sem pudor
Sua face como a noite trouxe uma voz sibilante e perturbadora
os momentos em que vivi, distantes eram
Criatura homem, homem criatura?
Uma espécie de pássaro me tomou
Em seu olhar profundo, um deslize cometi...

Jurei odiar, jurei tomar-lhe a vida, e foi no teu olhar que perdi.
Carregada para o alto, longe da vila que cresci, distantes de tudo...
Perdi os sentidos, se agora me restasse uma vida
A ele lhe daria
Trouxe-me à noite, escuridão, criaturas e todo
Barulho da noite
Enrubesco o enlace da escuridão, sufoco, engasgo e por fim
O beijo da morte, com meu último pensamento

As noites são minhas;
tão minhas...
só minhas.





APRESENTAMOS O POEMA

Cinderela

POR LAIS DE AGUIAR

Laís de Aguiar Silva Barbedo nasceu em Jacareí, São Paulo em 1994. Aos 5 anos mudou para Jaboti Paraná onde vive até hoje, estudou em colégios públicos e participou de um projeto onde descobriu o dom de ser escritora. Em 2017 seu primeiro livro foi publicado: "Lampejo", no ano de 2020 participou de 7 antologias com o tema poesia. Atualmente trabalha como microempreendedora, é escritora onde no gênero poesia, estuda Marketing, é compositora.

Ela é linda e toda perfeita

É delicada como as rosas de um jardim

É maravilhosa com seu jeitinho de ser

Com sua alegria e encanto faz nos apaixonar

Cinderela é um encanto de menina que virou uma deslumbrante princesa

Cinderela é tão exuberante como os raios de sol, como a luz do amanhecer e como o luar de uma noite cheia de paixão.

És toda perfeita, não vejo defeito nenhum, tem um brilho no olhar que nos transmite a paz e muito amor

seu sorriso encanta a todos e sua felicidade é linda de viver.

És uma princesa diferente de todas elas, que gosta de fazer o bem e transmitir alegria por onde passa, desde uma criança até um animal, Cinderela sempre foi e será a princesa encantadora e aquela que nunca perderá a essência da humildade.

Encanta todos pela sua linda e deliciosa história do sapatinho de Crystal quando dançou com seu príncipe encantado e terminou num lindo final feliz.

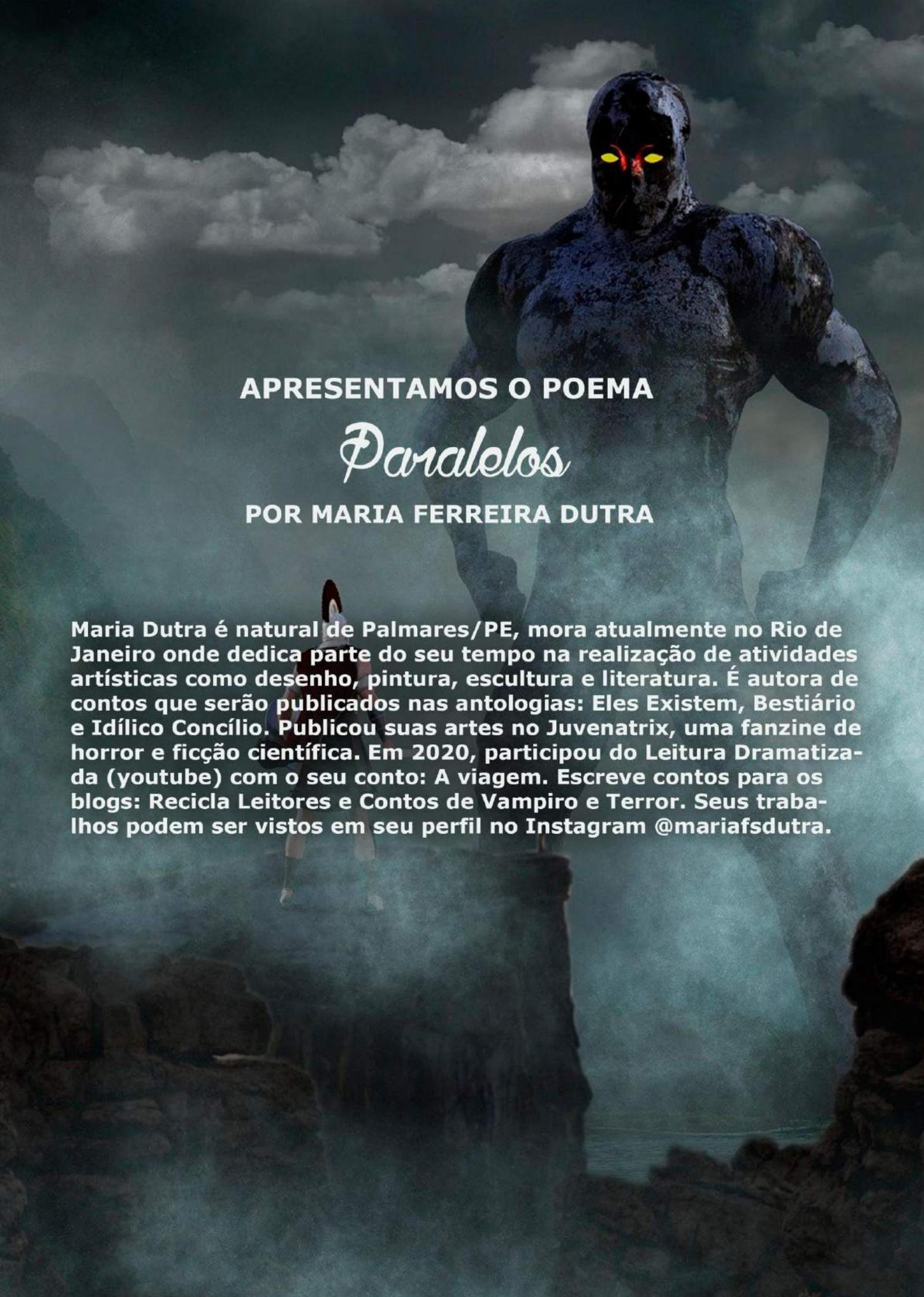
Cinderela sempre foi uma grande sonhadora, que sonhava ter vida, um lindo romance e viver uma história de amor, ela nunca desistiu e conseguiu realizar o que sempre desejou.

És a bela entre todas, és a luz própria que brilha cada vez mais, és muito corajosa de enfrentar tudo e ir atrás de sua felicidade.

És linda essa donzela que faz derreter nosso coração

de muita paixão e emoção, podemos chamá-lá de princesa Cinderela.





APRESENTAMOS O POEMA

Paralelos

POR MARIA FERREIRA DUTRA

Maria Dutra é natural de Palmares/PE, mora atualmente no Rio de Janeiro onde dedica parte do seu tempo na realização de atividades artísticas como desenho, pintura, escultura e literatura. É autora de contos que serão publicados nas antologias: Eles Existem, Bestiário e Idílico Concílio. Publicou suas artes no Juvenatrix, uma fanzine de horror e ficção científica. Em 2020, participou do Leitura Dramatizada (youtube) com o seu conto: A viagem. Escreve contos para os blogs: Recicla Leitores e Contos de Vampiro e Terror. Seus trabalhos podem ser vistos em seu perfil no Instagram @mariafsdutra.

Joana era escultora, sua vida era feita de solidão e usava a arte para encher de amor seu coração.

Ela queria da arte fazer parte.

Com a argila nas mãos, começou a usar seu talento e emoção.

Criou ali, duas esferas, em uma colocou seres da sua imaginação e na outra símbolos desconhecidos com entradas e caminhos.

Secou com os dias. Não usou tintas. Sentimentos vazios a impedia.

Quando secou, levou até uma caixa e guardou. Oito anos passaram.

Uma noite, algo aconteceu. Um barulho no outro quarto chamou a atenção de Joana. Foi verificar, a luz acendeu e o barulho desapareceu.

Ao examinar tudo e ver que nada mudou, a luz apagou e o barulho voltou.

O Barulho vinha do armário. Joana abriu e sussurros ouviu.

Revirou o local e a caixa mexeu.

Preocupada. Com cuidado se aproximou e na caixa tocou.

Ao abrir, Joana viu o brilho que emitia, parecia dia.

Ela sabia que eram as duas esferas que estavam na caixa. Mas não acreditava no que via e nem no que sentia.

Em uma das esferas, que só tinha símbolos e entradas, agora existiam árvores, rios, terras e estradas.

Era agora uma comunidade criada. Populosa e com muita vida nos caminhos que se passavam.

Os símbolos se transformaram em linguagem nativa para se comunicar e entender a vida.

O outro mundo havia acabado. Mas a determinação e a vontade de viver, fez um novo mundo aparecer.

Trabalham muito para transformar uma fagulha em uma fogueira. E assim um novo mundo acendeu. Reviveu.

Joana ia fechar a caixa e deixar a comunidade viver, sem tocar e nem mexer.

Ela escuta um choro de bebê e ao ver, bem de perto, Joana olha para a mãe, que tinha o seu mesmo rosto, mesmas feições.

Era ela mesma nesse mundo discreto e paralelo. Dimensão em evolução.

A Mulher entrega o bebê nesse caminho temporal e Joana o segura.

Acaricia e o beija com ternura, devolve para o seu eu no mundo que conheceu.
Ela faz um sinal de silêncio para Joana e mostra uma placa para ler. Estava escrito
"Te aguardo aqui, Joana
Em junho de 2045
Para esse mundo conhecer."





APRESENTAMOS O POEMA

Monotonia do Nada

POR MARTINHA BÖKER

Artista, pesquisadora e educadora em artes Circenses, sócia Fundadora da Companhia de Circo "Pétalas ao Vento", atuando nas áreas da Acrobacia aérea, Composição Coreográfica, Improvisação, palhaçaria, iluminação cênica, educação inclusiva e cenografia, produzindo e atuando em espetáculos que discutem gênero, desigualdade social e contextos de opressão. Escreve contos infantis, poesias, trabalha com concepção, edição e finalização de vídeo e áudio, tem experiência com artes visuais atuando como aquarelista.

Eu não duvido que a minha ausência te traga tanto sofrimento
Você não vive sem mim
Mas me mata sua tristeza, me abala esse tormento

Te expõe o isolamento
ao vazio de sua alma,
ao que há de mais profundo
Até Deus, quando criou o mundo
entediou-se da monotonia do nada.

E fez a poesia
A história, as artes, a filosofia ... abrem janelas
E quando o sol adentra a cela fria
Caminham juntas as coisas mais belas

Mas você não vê
Porque longe de mim vc não come, vc não dorme
você nem vive
Por favor não chore

Quantas moedas valem à própria vida?
Você se preocupa com minha geladeira vazia
E me culpa por esta agonia

Você precisa de mim, eu já sei

Escolheu a jaula que te aprisiona
Mas exige a minha liberdade
Me surpreende tanta fraternidade

Só não espere que o pássaro fora da gaiola
cante agora como cantou outrora

Meu cansaço me fenece o corpo
Mas se eu paro, te rasgo o bolso

O vírus, a febre, o fundo do poço

Você não vive sem mim

Sobre o meu sepulcro não haverá lágrimas, nem flores, nem pesar
Ao lado das infinitas covas rasas
Sobre o meu corpo sujo de suor e sangue
Meu regresso ao trabalho, clamarás

O dia inteiro
Implorando pelo meu retorno
Junto aos seus companheiros, aglomerados gritam em coro
Seus grilhões de prata, Suas algemas de ouro
São seu próprio cativo

“O homem de lata na história do mágico de OZ representa a desigualdade social implícita na figura de um lenhador que procura um coração para amar. O personagem sinaliza a ideia do trabalhador industrial oprimido que teve que se comportar como uma máquina, trabalhando duramente sem tempo nem espaço para amar. Representa a classe trabalhadora que trabalha duramente enquanto uma classe privilegiada goza de direitos.”





APRESENTAMOS O POEMA

Passando entre páginas

POR NATÁLIA LUNA

Natália Luna é professora, poetisa e contista. Inicialmente escrevia poemas românticos até que começou a ampliar os temas. Possui diversas participações em antologias de contos e poemas em diferentes editoras. Estreou como antologista organizando Becos de Londres, uma antologia de contos sobre Jack estripador pela editora Dark Books. Contato: natalialuna0901@gmail.com e @nat.escritora (Instagram).

Abri um livro e adentrei no castelo onde uma princesa dormia
Em suas paredes de pedra tinham um grande espelho
Fiquei a contemplar a bela adormecida
O espelho era mágico e eu queria um conselho

Apenas meu reflexo aparecia, comigo ele não falava
Não sou madrasta da Branca de Neve, não adiantava
Em uma das torres uma moça debruçava em uma janela
Jogando suas tranças para um príncipe que estava à sua espera

Fechei o livro e voltei da realidade paralela
Seus contos de fada estavam mesclados
Pareciam em outra esfera
Estava tudo misturado

Achei outro livro e em sua capa havia uma espada
Abri-o e estava a passear nele
Tinha vários cavaleiros, espadachins e armaduras
Fechei-o, estava em busca de magias, de fadas

Empoeirado e esquecido na estante ele estava
Capa dura com letras brilhantes
Em suas páginas encontrei o que procurava
Bruxas, unicórnios e fadas!





APRESENTAMOS O POEMA

Não havia uma luz no fim do túnel

POR PEDRO PANHOCA

Pedro é doutorando inscrito no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). É autor do livro *Traumas e Tabus*, editor e colaborador da revista *Legendary Art Magazine* e colaborador mensal da revista *Alarums & Excursions*. Queria publicar seus poemas em latas de achocolatado.

A brincadeira é apostar em quantos morrem
A aposta é brincar, estimar quantos adoecem
Sorrisos de máscaras
Nos divertimos sozinhos
E temos saudades do que odiávamos
Talvez esse seja o preço
E como numa venda, não se pode voltar atrás
Os mais religiosos que leram João
Sabem que no fim de tudo
Não há esperança
Na verdade, nunca houve
No fim, coisas fantásticas acontecem
Mas não é apoteose, nem revelações
Não é o triunfo do bem sobre o mal
Procuramos sinais que ninguém saberia reconhecer
No máximo escutamos estranhos ruídos
Raios coloridos, monstros colossais e forças espirituais
O mundo, com certeza, não será mais o mesmo
O Lagarfljótsormur voltou
Sua vida valeu a pena?





APRESENTAMOS O POEMA

Orfeu (Ser um poeta)

POR RENATA DA COSTA

Renata da Costa é Professora, Escritora, Atriz, Produtora Executiva, mãe e Autista. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira. Sonhadora e Lutadora por seus sonhos. Ama escrever e faz da escrita o seu porto seguro. Autora da obra Meu Pequeno Grande Mundo que fala sobre seu filho autista e também escritor, autor da obra I love you Mamma. Ambos disponíveis pelo Amazon.

Libertação da alma
De sucessivas transmigrações.
Creio na imortalidade
Na eternização do ser.
Ser poeta, um profeta.
Ter asas nos pés
E na imaginação.
Ser uma deusa
Uma semideusa
Mistificada e eternizada.
Ser poeta
É tornar o impossível possível.
É desvendar o obscuro
É sonhar ilimitadamente.
É ter a alma livre
Liberdade
De expressar a dor e o amor...
A doença e a cura...
A vida e a morte.
Ser poeta
É não ter limites.
É fazer e escrever o que bem quiser.
Ser poeta é
Rêvez, chantez et soupirez.
É suspirar fundo
Voar alto
Ver além dos horizontes.
É estar em bando
Com o coração solitário
Ser poeta
É amar além dos desejos.
É transmigrar
Os sentimentos e as emoções

Em versos.
Ser poeta
É ter o amado nas mãos
Mas por medo de prender...
Perder.
Ser poeta
É gozar a vida intensamente
“*Carpem Diem*”.
Orfeu!...
Oh! Orfeu...
Imortalize meu ser
Com ritos purificadores.
Cante meu canto com todo pudor.
Chore e cante
A desventura de um poeta...
Misterioso...
Caprichoso...
Sonhador...
Ser poeta
É ter a capacidade
De imortalizar os mortais.





APRESENTAMOS O POEMA

A divina centelha (Frankenstein)

POR ROBERTO SCHIMA

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. O conto "A Teu Dispor" foi premiado na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse). Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

Das trevas inanimadas fez-se a chama de um fulgor cegante.
De um raio na tempestade, brotou-me a luz da consciência.
Como saberia distinguir aquilo que seria eu naquele instante,
se a dádiva da vida mal acabara de brotar em minha essência?

Do abismo escuro de onde vim não implorei para ser retirado.
O frio me perseguiu de longe, de parte de mim fez o que sou.
Em vez do calor do colo de uma mãe, vi-me só e abandonado.
Do olhar para o teto, virei a cabeça: Céus, onde é que estou?

Livros, frascos, líquidos, carnes, paredes grossas de pedra fria.
Em um laboratório imundo, cheirando a podre, me vi cercado.
Que loucura seria aquela a destilar em mim o licor da agonia?
Da escuridão do nada para uma sala de corpos desmembrados.

Ergui-me vacilante qual um boneco e, de pé, pus-me a explorar.
Andei pelos meandros do castelo, ainda imerso em meu torpor.
Finalmente, em um quarto limpo, pude finalmente me deparar,
dormindo o pesadelo dos injustos, aquele que fora meu criador.

Feito náufrago desesperado avancei para ele, solitário e perdido.
Ansiava por calor, respostas e afeto, em vez do fel da amargura.
Todavia, em vez de um pai amoroso diante de seu filho querido,
devolveu-me um esgar horrorizado, gritando: "Oh, vil criatura!"

Daí, cobarde, abandonou-me no frio, no escuro, sem esperança.
Eu não sabia o que fazer, para onde ir, a quem buscar acolhida.
Era um recém-nascido, e, em meu íntimo, somente uma criança.
Se não me desejava, por que brindara-me com o dom da vida?

Apesar do infortúnio, desejoso em aprender, ganhei o mundo.
Saciei a sede, aplaquei a fome, e escondido, espiei uma família.
Observando-os aprendi a falar, a ler, a perceber quão profundo
eram os laços entre humanos. Eram arquipélagos e não uma ilha.

Um dia, para o velho cego apresentei-me, ganhando sua amizade.
Senti-me parte de algo, de um todo. Conheci a paz. Senti o calor.
Mas seus parentes surgiram de repente e, vendo a minha fealdade,
escorraçaram-me aos gritos, tão apavorados e repletos de horror.

Por que não morri naquele dia, nas brumas do esquecimento?
Tão infeliz era a minha sina, de tamanha angústia sem par.
Minha alma só, de complacente e dotada de bons sentimentos,
alterou-se da água para o vinho: meu coração passou a odiar.

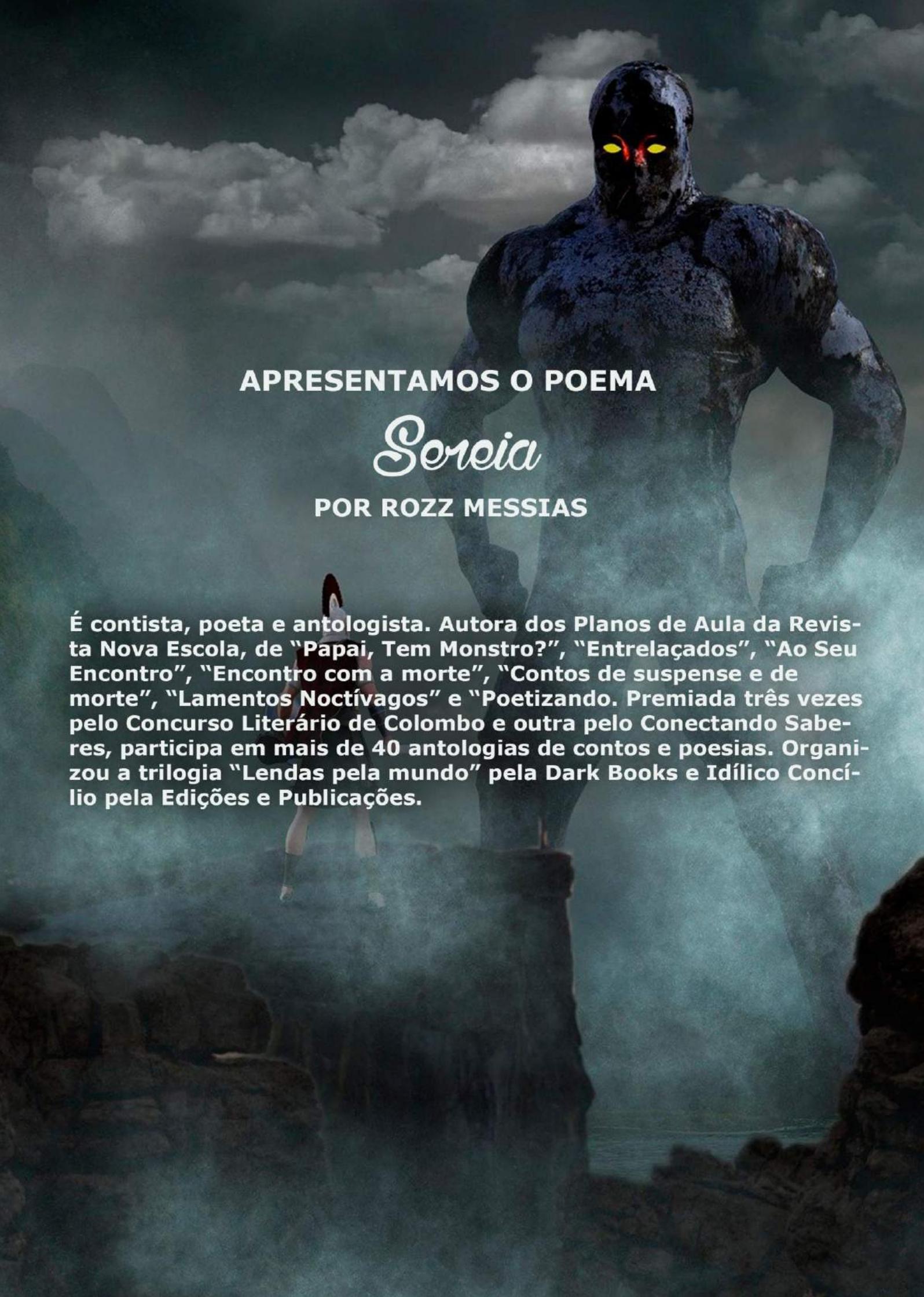
Em perseguição saí daquele que, da vida, acendera a centelha
de um fogo que permeou-me de trevas em vez de trazer a luz.
Entrementes não lhe usurpei a chama, mas sim de vermelha
tingi as faces de sua amada e uma mortalha em seu corpo pus.

Vinguei-me assim de meu criador, que se fez arremedo de Deus.
Mas pouco prazer senti em sua dor, diante de meu sofrimento.
Semei sua cólera por mim tanto quanto nutria por ele e os seus.
Fiz perseguir-me ao Grande Norte, fazendo seu o meu tormento.

Na vastidão primeva do Ártico, entre geleiras, mares e nevoeiros,
perseguiu-me; confrontamos nossas aflições, ódios e mil defeitos.
Em tal tragédia, somente o fim pelo sangue era o epílogo certo.
Queria eu o amor, a vingança e a redenção de um adão imperfeito.

E entre a força remendada de meus braços, meu pai assim pereceu.
Sem alegria, sem triunfo, não tenho pelo quê festejar a minha sorte.
Ele acendeu a faísca da vida, roubara a chama, moderno prometeu.
Nada mais resta nessa banquisa, exceto eu reencontrar minha morte.





APRESENTAMOS O POEMA

Sereia

POR ROZZ MESSIAS

É contista, poeta e antologista. Autora dos Planos de Aula da Revista Nova Escola, de "Papai, Tem Monstro?", "Entrelaçados", "Ao Seu Encontro", "Encontro com a morte", "Contos de suspense e de morte", "Lamentos Noctívagos" e "Poetizando. Premiada três vezes pelo Concurso Literário de Colombo e outra pelo Conectando Saberes, participa em mais de 40 antologias de contos e poesias. Organizou a trilogia "Lendas pela mundo" pela Dark Books e Idílico Concílio pela Edições e Publicações.

Ouço seu chamado, inaudível
Sinto que me aguardas
Na praia, a beira mar
O sol desce incendiando as ondas
Haverá noite estrelada

Sinto o cheiro da maresia
E penso em seu corpo ao luar
Há uma brisa suave
Sua voz a sussurrar
Palavras que me atraem

Como um canto mexe em meu profundo
Desloca meu mundo
Inverte as prioridades, me encanta
Atrai, me atença
Sinto-me acorrentado

Sou arrastado como ondas que rebentam no mar
Você me promete mergulhos profundos
Sinto nossos corpos entrelaçados a nadar
Uma mistura de sabores
Quase vejo a cor do desejo

Eu e você ao luar ...

De repente sou invadido pelo medo
Você esconde segredos
Tento fugir, quero escapar
Talvez seja tarde
Você tem garras

Estou preso à correntes
Observo seus dentes
Tenta me abocanhar
Não há mais beleza
Cadê aquela leveza? Onde está o luar?

Tudo tornou-se escuro
A brisa virou tempestade
Nado, luto com todas as forças
Busco a terra firme
Mas o mar está revoltado

Como não vi? Estava tão absorto
Talvez seja tarde para escapar
Vejo a água com cor diferente
Sinto um gosto metálico
Meu corpo jaz rasgado

Membros amputados
Dor a me dilacerar
Você ri e diz “eu te amo”
Eu choro enquanto sinto gosto
De sal e sangue

Você tenta me abraçar, faz promessas
Seus olhos querem me hipnotizar
Contemplo tua face
Sangue e água escorrem
De seu rosto a me buscar

Choro enquanto me arrasto
Pedacos perdidos pela areia do mar
Você minha sereia tão bela,

Agora apenas fera
Ali a me caçar!





APRESENTAMOS O POEMA

Esfinge lunar

POR TAUÃ LIMA VERDAN RANGEL

Tauã Lima Verdán Rangel é Mestre e Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFF. Autor dos livros: "Fome: Segurança Alimentar & Nutricional em pauta" (2018) (acadêmico); "Segurança Alimentar & Nutricional na região sudeste" (2019) (acadêmico); "Versos, Inversos & Outros Escritos" (2019) (poemas); "Indrisos em Versos" (2019) (poemas); "Efemeridade em Versos" (2019) (poemas); "Aldravias e Versos" (2020) (aldravias); "Decanatos em Versos" (2020). Tem muitos projetos em andamento com editoras diversas, além de um apaixonado assumido por contos e Antologias.

No horizonte distante, eleva o corpo brilhante
Lume prateado, musa desejada do vil amante
Reina solitária pela extensão do curvo celeste
Movimento diário, irreal sina de leste a oeste

A híbrida criatura de feição leonina está a vagar
Os olhos astutos, a íris aguçada a contemplar
Esfinge de ânimo cruel pela lua arde em paixão
O coração monstruoso palpita pela sensação

Manto violáceo pontilhado do breu envolvente
Traz o prateado orbe de feição tão eloquente
Um olhar efêmero lançado para a admiradora

Sem qualquer manifestação, o silêncio surreal
As nuvens ocultam o fitar do astro imemorial
Mui sagaz, a esfinge a arder contempladora





APRESENTAMOS O POEMA

Asas oníricas de Ícaro

POR TAUÃ LIMA VERDAN RANGEL

Tauã Lima Verdán Rangel é Mestre e Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFF. Autor dos livros: "Fome: Segurança Alimentar & Nutricional em pauta" (2018) (acadêmico); "Segurança Alimentar & Nutricional na região sudeste" (2019) (acadêmico); "Versos, Inversos & Outros Escritos" (2019) (poemas); "Indrisos em Versos" (2019) (poemas); "Efemeridade em Versos" (2019) (poemas); "Aldravias e Versos" (2020) (aldravias); "Decanatos em Versos" (2020). Tem muitos projetos em andamento com editoras diversas, além de um apaixonado assumido por contos e Antologias.

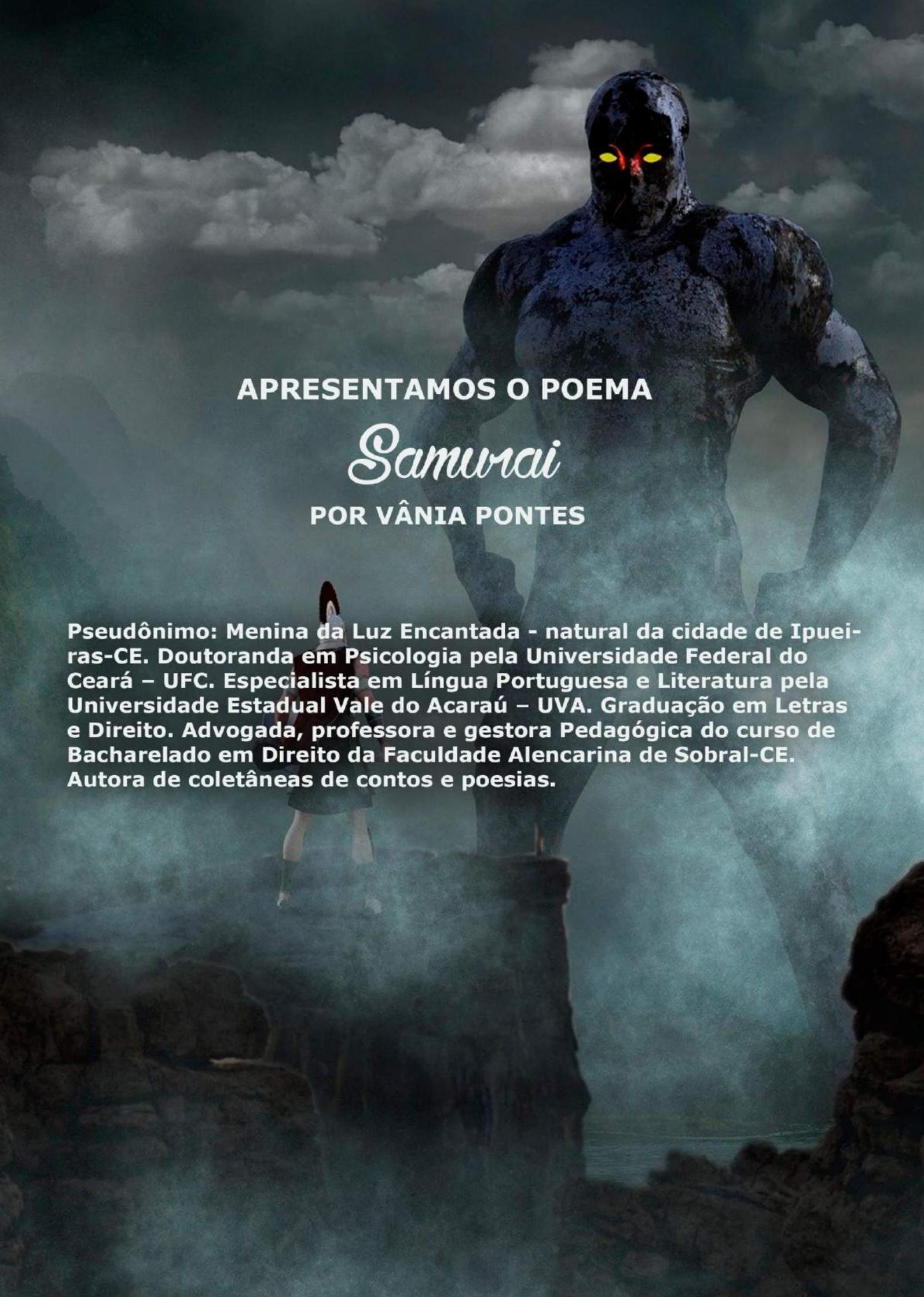
Em mil matizes, eleva-se o luminoso astro solar
Pelo firmamento, um mover intenso e singular
As nuvens são tingidas em tons tão inebriantes
E os olhos contemplam os cenários delirantes

Asas se abrem num idílico mover apaixonado
As plumas refletem a rajada do lufar cativado
O jovem intrépido voa pelo céu tão desejoso
Em um flertar contínuo, um amor assombroso

As gotas de suor, na pele, começam a formar
Do calor e de raios mui quentes a experimentar
A delicada cera, aos escassos, está a derreter

Nuvens em cor dourada, laranja e avermelhada
Estão a testemunhar a odiosa queda iniciada
Em um celeste surreal, um cair para morrer





APRESENTAMOS O POEMA

Samurcai

POR VÂNIA PONTES

Pseudônimo: Menina da Luz Encantada - natural da cidade de Ipueiras-CE. Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Graduação em Letras e Direito. Advogada, professora e gestora Pedagógica do curso de Bacharelado em Direito da Faculdade Alencarina de Sobral-CE. Autora de coletâneas de contos e poesias.

Conheci um homem samurai, de coragem extraordinária.
Ele rompeu com suas velhas crenças e fixas identidades,
Foi buscar a novidade de objetos, com natureza visionária,
Encontrou neles valentes motivos para viver alteridades.

Durante a jornada manteve-se com a sua espada desembainhada,
E empunhada nas mãos guerreiras, que ansiavam o fim da batalha,
Nem ele mesmo sabia que tinha tanta sabedoria na alma talhada.
Sendo guerreiro de luta que rompe no campo o medo e a muralha.

Quando o combate acontece tem sido um samurai a superar seus limites.
É um homem de honra, justiça e bravura, no traço da vida e dos sonhos,
Cujo ser valente segue no compasso dos dias, os seus objetivos instigantes,
E das profundezas de sua alma vem a ousadia dos seus bravos caminhos.

Uma vez que se fez valente no meio de tantas batalhas com nobreza,
Todas as manhãs compromete-se com as lutas e prepara o seu destino,
Sendo de várias maneiras marcado pelas experiências da sua natureza,
Que carrega nas mãos a força para além da espada, sem muito desatino.

Se a vida o surpreende todos os dias é porque tem muita coragem,
Para seguir adiante mesmo quando a forte espada está quebrada,
Tendo que lutar com mãos, ombros, pernas, pescoços e linguagem.
Só quem vive isso no corpo e na alma sabe fazer da luta sua morada!





APRESENTAMOS O POEMA

Morgana Le Fay

POR VIPIAR

Formada em Letras pela Universidade de Brasília (UnB) e professora de língua portuguesa pela Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF). Tenho participação na Antologia de Poesia "*Inspirações Poéticas*" publicada pela Editora Lura.

Aqui está a raiz da raiz, o broto do broto
e o céu do céu de uma árvore chamada vida.

E. E. Cummings.

Contarei somente a ti
O tão raro, sensível segredo,
Da dança dos orbes solares
E dos tambores de Beltane.

A ninguém mais o contarás:
Da fulgente simetria,
Do pelame do Carneiro
Que melisma no Equinócio!

— Escuta o chamado, Morgana!

Capricórnio, Gêmeos estelam,
A barra do leste levantam,
Levantam a bruxa floresta,
Os fogos em festa acendem!

Folhas voejam, vermelham
Os sonhos das Pedras do Sol.
Vozes veladas, velado na sombra,
Desejo virente a vazar!

— Escuta o chamado, Morgana!

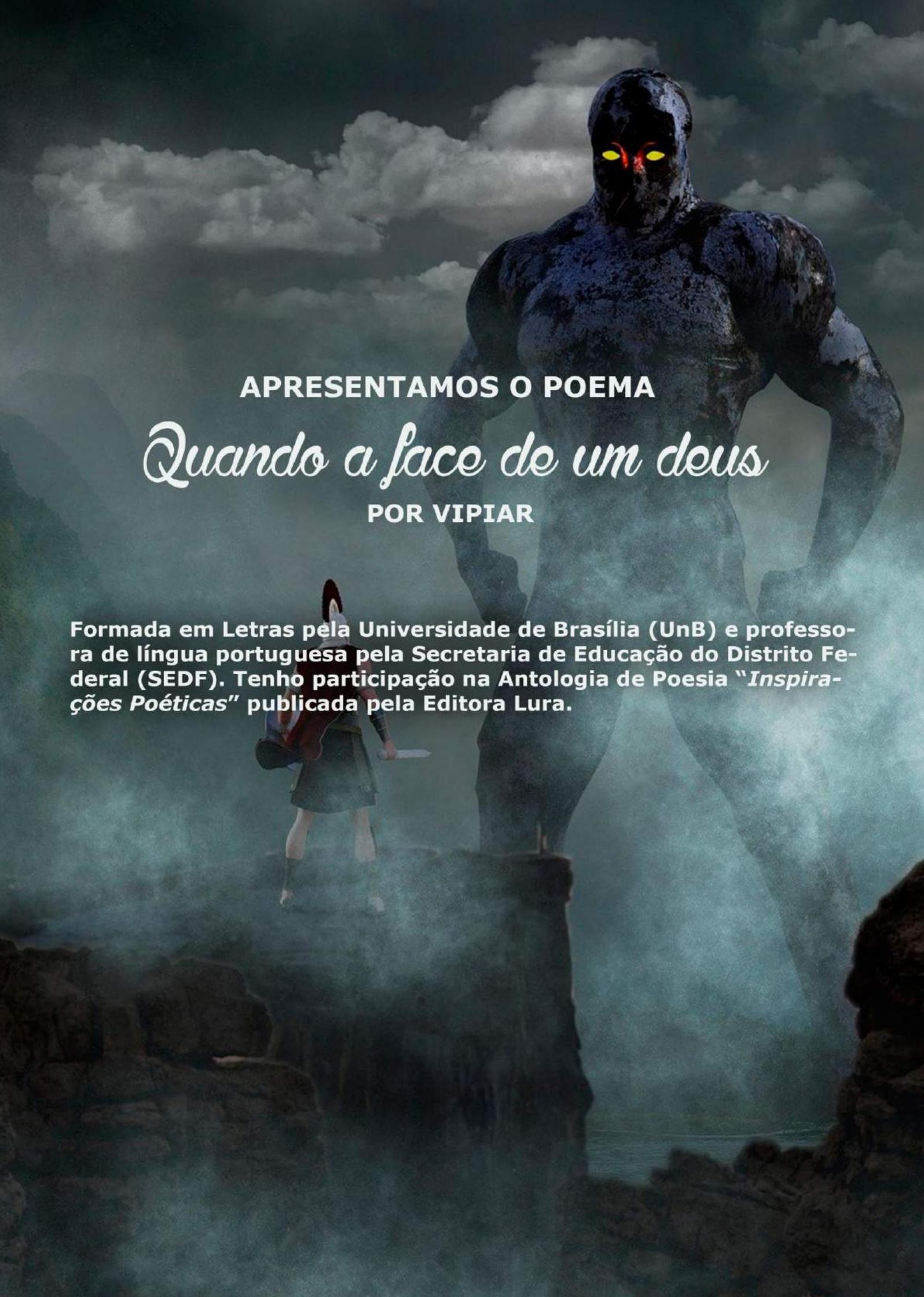
Onde o reflexo ondear
No doce sangue da lua,
Elfos, amoras e urzes,
Vento de maio, estarei.

Líquido translúcido tempo!
Evola-se espelho e incenso,
Terceira Lei de Kepler,
A bruxa floresta a dançar.

— Escuta o chamado, Morgana!

Dormiremos o segredo da noite,
Nascemos o segredo do sol.





APRESENTAMOS O POEMA

Quando a face de um deus

POR VIPIAR

Formada em Letras pela Universidade de Brasília (UnB) e professora de língua portuguesa pela Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF). Tenho participação na Antologia de Poesia "*Inspirações Poéticas*" publicada pela Editora Lura.

Par de botas amarelas,
Trinta e sete, trinta e oito,
Reclinadas sobre a mesa.
Escarninhas, atrevidas
— este, o pensamento dela
Ao entrar na albergaria.
Abanca-se, contrafeita.

Eram mágicas, as botas?!
Borboletam, iluminam,
Onde quer que o olhar botasse!
Dedos brancos, afilados,
Como vento preludiam
Som de sonho sobre a água
Num instrumento estranho ao colo.

Fixo o gosto, o pensamento,
Brienn' pervaga, flutua.
Albergueiro se aproxima,
Põe à mesa a bebida.
A pergunta não se cala,
Escapole, esbaforida.
— Quem é ele?

— Vem de longe, senhorita!
Faz perguntas, colhe histórias,
Canta, dança, sapateia.
Mestre bardo de linhagem.
Inda dizem feiticeiro,
Arcanista, curandeiro...
— Tudo isso?! Essa é boa!

Entram nobres cavaleiros,
Entra o Mestre dos Sussurros.
— Onde estão seus passarinhos?
Na cozinha, com certeza,
Encalçando informações... —
Com sua puta mais recente
Também entra o Duende.

Albergueiro bate o gongo,
Anuncia o menestrel —
Arruaça arrefece!
Aveluda o silêncio
Voz de estrela a preamar.
Assim canta, principia,
Duas botas amarelas:

— Frio e longe, muito longe,
Onde aponta a estrela o norte,
Lá começa a nossa história...
Nessa hora, badalada,
Tão mais alta, e destemida,
Ao pingar do lusco-fusco
A Muralha se erguia.

Quer saber da Longa Noite?
Quer saber do arfar do medo,
Quando as neves se acumulam,
E o vento, rouco, ulula?
Quando o sol esconde o rosto,
Quando o mal vem predisposto,
E os Outros confabulam...

Os protestos se empilham

Como achas na lareira.
— Ora, ora, Mestre Bardo,
Que estais com vossa corda
Tão ligeiro a lucubrar?!
Esses são só uma história,
P'ra criança assustar!

— Como o Corvo de Três Olhos,
Como os Filhos da Floresta,
Como os deuses da Alvorada!

Outro um, fero, rebate.
— Pois os Outros eram deuses?!
Nem resistem'os represeiros...

Escudeiro um pé bate.
— Com su'as lágrimas de sangue,
Bordejam, tais, perenes,
No inclemente Reino Norte...

Vem um quarto, sentencia.
— Pois sequer um homem vivo
Arrogou de si p'ra si
Testemunho de visão!
Um arranque qual marola
Pelas cordas da bandura
Ao acinte sobreleva.
— O covarde vez não queira!
(Sacam, prestes, as espadas.)
E embora eu mal quisesse,
Devo agora, pois, contar!

Uma luva de carneiro

Alevanta num aceno.

— Embainhem as espadas,
Nossas armas servem ao rei!
Ao ditame assim imposto,
Ensimesmam-se os homens
A beber em talagadas.

Continua o comandante.

— Passe o ponto, cante a conta,
Temerário calaceiro!
Cobrirei su'a consoada,
E um regalo ao seu bornal.
O capuz que não revela
Longa e finalmente assente.

— São estranhos, são etéreos,
Ah, são belos! Como Sídhes,
Elegantes, inumanos,
Inefáveis, e tão leves,
Que a terra não lhes cede;
Com a lua como pele,
Com seus olhos de cristal...

— Sem fogueira! Sem fogueira!
Vasca, engulho, a afoguear,
Os três bravos patrulheiros.
Um sobeja, dois avançam.
Cota negra cintilante
Gira a espada em desafio,
Belo e jovem capitão.

Comandante bem murmura.

— O rapaz... eu o conheço!

O caçula de Yohn Royce!

— Terçam espadas, lancinantes,
Besta-fera contra o homem!
Num lampejo claro azul:
São centenas de pedaços,
Aço, gelo, estilhaços —
Sangue vaza entre os aros!

Grito horrendo na floresta
Vermelhando o ar e a neve,
O destino inominável:
Na Floresta Assombrada
Coisas vivas, coisas mortas
Pirilampam seus olhares
A acenderem, a apagarem.

A bandura arpejam os dedos,
Nimbos, névoas, aguaceiros.
Que viria a seguir?!
Novamente soa o gongo!
Um soldado abre o alforje,
Soposa uns quantos cobses,
Mete-os dentro de um pinchel.

Bardo pára! Lentamente
O marulho cavo passa
Com suas botas amarelas.
Instrumento no estojo,
Guarda a oferta no bernal:
Esmerilha, fero, o tempo
Novo ao curso natural.

— O fim... O que aconteceu?
Afinal, alguns demandam.
Sobrenada um sorriso
Entre algas e corais.
— Não sei, não — cicia o bardo.
Gente, vim; anelo, volto,
Outra água a abrenhar.

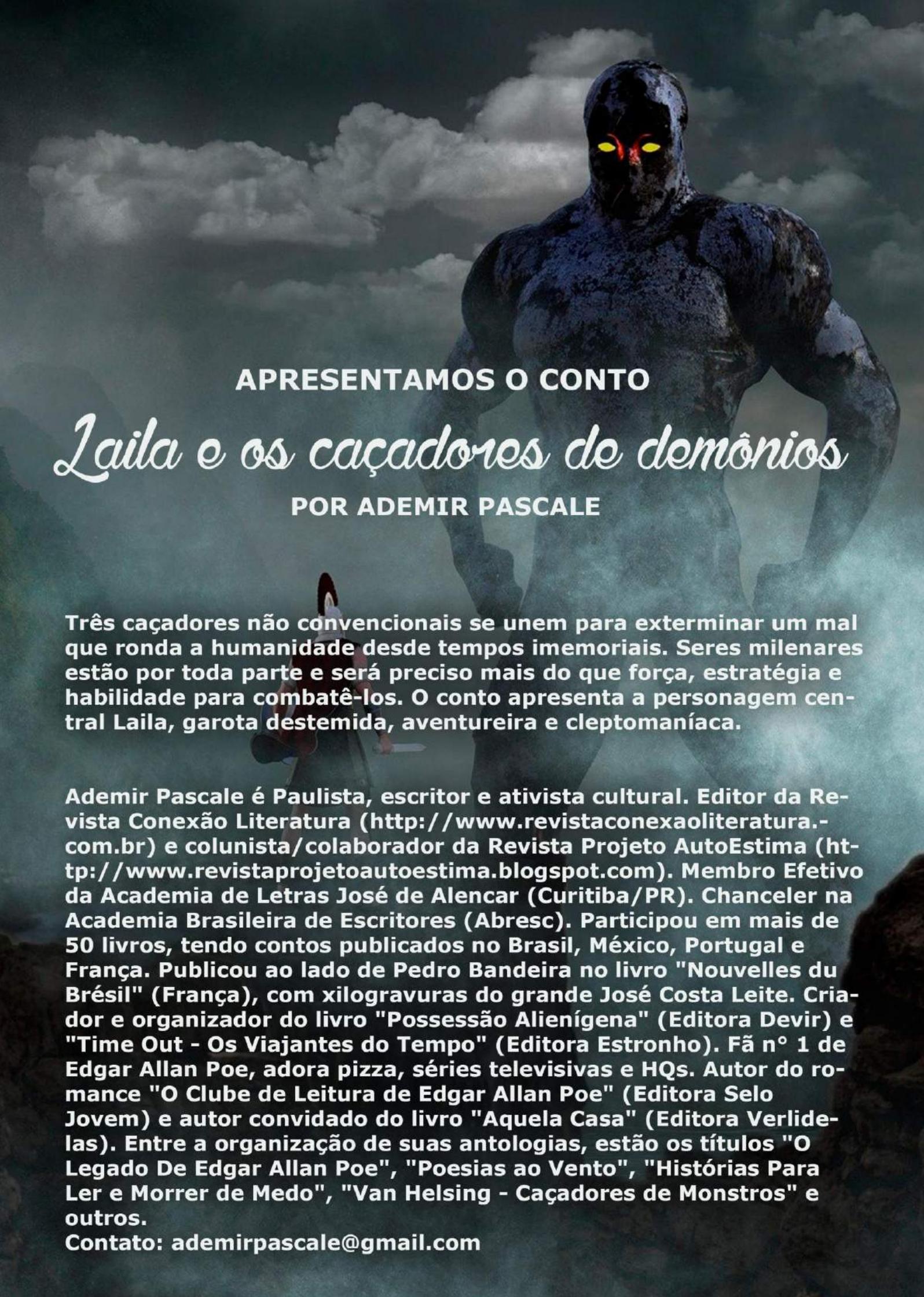
Foi apenas gesto, aceno,
Voz salgando a areia ao vento.
Valar, valar Dohaelis!
O que foi, o que não foi,
Onde está o menestrel?!
Bate o rabo da sereia,
Bate o mar dos afogados.

Compreende, enfim, Brien:
Jenny will dance with her ghosts
Til the walls will crumble, fall.
Numa poça, a maresia,
Desaparecido deus:
Só as botas amarelas
Desabrocham flor no chão.



CONTOS





APRESENTAMOS O CONTO

Laila e os caçadores de demônios

POR ADEMIR PASCALE

Três caçadores não convencionais se unem para exterminar um mal que ronda a humanidade desde tempos imemoriais. Seres milenares estão por toda parte e será preciso mais do que força, estratégia e habilidade para combatê-los. O conto apresenta a personagem central Laila, garota destemida, aventureira e cleptomaníaca.

Ademir Pascale é Paulista, escritor e ativista cultural. Editor da Revista Conexão Literatura (<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br>) e colunista/colaborador da Revista Projeto AutoEstima (<http://www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com>). Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Participou em mais de 50 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro "Nouvelles du Brésil" (França), com xilogravuras do grande José Costa Leite. Criador e organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir) e "Time Out - Os Viajantes do Tempo" (Editora Estronho). Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. Autor do romance "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe" (Editora Selo Jovem) e autor convidado do livro "Aquela Casa" (Editora Verlidelas). Entre a organização de suas antologias, estão os títulos "O Legado De Edgar Allan Poe", "Poesias ao Vento", "Histórias Para Ler e Morrer de Medo", "Van Helsing - Caçadores de Monstros" e outros.

Contato: ademirpascale@gmail.com

Ela olha para trás e se certifica de que ninguém a está seguindo.

Uma sensação estranha de desconforto não a deixa raciocinar direito. Ela para no pátio. As luzes da igreja estão apagadas. A porta principal está fechada. O silêncio chega a ser perturbador, até um som estranho surgir detrás de um dos carros estacionados. Arma em punho. Dedo no gatilho. Coração acelerado. A tensão aumenta a cada passo. Até... alarme falso.

Alguns gatos noturnos estão tentando rasgar sacos de lixo. Ela sorri aliviada, não por não ter encontrado o que esperava, mas por economizar suas balas benzidas em água benta. Então caminha em volta da igreja, em sentido à porta dos fundos.

Entreaberta. Ela anda vagarosamente pelo extenso corredor mal iluminado e no meio do trajeto resolve ajustar os fones de ouvido em seus devidos lugares. Seleciona a música *Bring me to life*, do Evanescense, aumenta o volume no último tom e, balançando a cabeça para frente e para trás, percebe uma porta onde há uma luz acesa, bem lá no fundo.

Ela retira os fones de ouvido e ouve uma voz masculina. Padre Antonio Spadoni, concentrado, está dentro de uma pequena sala.

Olhando-se fixamente no espelho, nem sequer ele notou sua presença.

— Tem alguém aí dentro? Eu sei que tem... Fala comigo. Fala comigo. Por favor... FALA COMIGO — desesperado e com o rosto molhado pelo suor, Spadoni puxa os cabelos.

Laila fica arrepiada ao notar que ele está sozinho lá dentro, indagando a si mesmo. Ela sabe que algo está errado com ele e que este não será o momento certo para uma conversinha com chá e biscoitos.

Ela retira uma caneta do bolso e escreve rapidamente num pedaço de papel. E, sem que ele perceba, deixa o bilhete sobre a mesa, embaixo de um punhal.

O que se passa na cabeça do padre, talvez ela nunca saberá.

Já lá fora, com um pequeno crucifixo que acabou de roubar da mesa do padre, ela caminha até a rua de cima, onde seu Maverick 78 está estacionado. Na realidade, este veículo não é seu, mas fruto de roubo da casa de um rico colecionador de raridades.

O ronco do motor faz com que algumas luzes da vizinhança se acendam.

Ela adora fazer isso e não dá a mínima por chamar a atenção, pois em poucos segundos estará longe dali.

As ruas estão desertas. Seu destino é uma movimentada danceteria que fica próxima à Praça da Bandeira, centro de São Paulo.

Ela estaciona o carro em local proibido. Laila sempre evita estacionamentos.

Logo surgem dois flanelinhas que desistem da ideia de cuidar do Maverick quando ela levanta a camisa e deixa à mostra suas inúmeras tatuagens, além da coronha do seu revólver calibre 32.

Em frente à danceteria, ela nota dois seguranças que revistam e correm o detector de metais em quem deseja entrar. Mas não será um problema para ela, algo até fácil, pois já passara por isso inúmeras vezes.

Um dos seguranças, um homem negro, forte, com mais de dois metros de altura, passa o detector de metais sobre a roupa dela, até chegar ao local onde disparou o aparelho.

— A senhora está portando algum objeto de metal aí embaixo da camisa?

— Estou, mas está bem abaixo do umbigo. Você quer que eu mostre pra você lá dentro? Se quiser pode ser no banheiro — Laila se segura para não mandar o segurança para a mãe que o pariu. Chamá-la de senhora foi um tremendo insulto.

— É? Bem... pode ser, mas não agora, o chefe está olhando pela câmera. Faz o seguinte: vou passar um rádio para o segurança da porta dos fundos para deixar você entrar, ok? Lá pelas 3 da manhã, quando a coisa aqui fora estiver mais sossegada, eu te procuro lá dentro. Disfarça, finge que vai embora, mas dá a volta e entra, beleza...

Você entrará como vip.

— Beleza, gatão! — Laila mostra o dedo para a câmera, depois sai rebolando em direção à porta dos fundos, mas com vontade de vomitar, pois não gosta de homens.

O acesso pela porta dos fundos foi tranquilo. O segurança apenas a olhou de cima abaixo e deu um sorriso malicioso, depois carimbou a mão da moça para acesso vip e a deixou entrar. O lugar estava agitado, nas próprias palavras de Laila, pegando fogo. A música *Confusion*, do New Order, mesclava com o ambiente.

Empurrões, euforia, quentura e cheiro de suor.

Logo surgem os primeiros olhares dos homens.

Mas não são estes que ela procura.

Instintivamente, no meio de dezenas de pessoas, o olhar de Laila cruzou com o de Monique, como se já soubesse que a garota estava ali no meio daquela confusão apenas esperando ser encontrada.

A aproximação foi imediata.

Laila pensou em erguer os braços e se encostar na garota, mas seria um grande erro deixar sua arma à mostra.

Ambas apenas acenam a cabeça, concordam em sair dali e se encostam no balcão. Então, decidem tomar um drink e, embora permaneçam sem trocar palavra, os olhares preenchem esta lacuna.

Idade “aparentemente” semelhante. Mesmos gostos identificados nas tatuagens e trajes. E ainda ao som de *Confusion*, as garotas se abraçam. Ofegante, Monique convida Laila para conhecer sua casa.

O aceite veio logo em seguida.

Rápido como deveria ser. Afinal, pra quê perder tempo? Foram poucos minutos para encontrar sua cara-metade, até aquele presente momento tudo vai muito bem. Monique acerta a conta e as duas saem felizes da danceteria, exceto ao cruzarem com o segurança que liberou a entrada de Laila.

— Você... Você está de mãos dadas com esta garota? Tentou me enganar para entrar? — os olhos do segurança faíscam de fúria. Ele segura e aperta com força o braço de Laila.

— Ei, quem você pensa que é, seu desgraçado? — Laila cerra os dentes e chuta com força a genitália do segurança, que desaba como uma parede de concreto.

Outros seguranças são acionados. E antes que as coisas se compliquem ainda mais, as garotas correm e se dirigem ao carro de Monique, um Range Rover Sport.

Um dos flanelinhas informa para os seguranças onde as garotas estão.

Monique, com as mãos no volante, acelera. Laila, incomodada no banco dianteiro do passageiro, se levanta para retirar do bolso um copo que roubou como souvenir na danceteria. Em pensamento, ela lamenta por largar seu Maverick na rua, pelo menos por enquanto.

E, por mais que os seguranças correm, o carro desaparece de vista.

Monique, sorridente, coloca a mão sobre a perna de Laila.

— E aí, gata, curtiu a aventura?

— Curti. Nada para tirar o fôlego, mas foi bom — Laila ajeita os cabelos tentando disfarçar sua ansiedade.

— Logo chegaremos em casa, fique tranquila — Monique arma um olhar malicioso. Laila retribui.

Laila liga o som do veículo e tenta sintonizar uma rádio que toque música que lhe agrade, mas não encontra nenhuma. Monique retira um pen drive do porta-luvas e o oferece a Laila.

— Aqui tem som dos bons!

O veículo segue ao som de *Roadhouse Blues*, do *The Doors*.

Em poucos minutos já estavam em frente à casa de Monique, num local a duas quadras da igreja do padre Antonio Spadoni.

O portão automático foi acionado. Logo surgiu um segurança com um cão rottweiler preto pela coleira.

— Tudo bem, senhora? — perguntou o segurança olhando desconfiado para Laila.

— Tudo bem. Esta é minha nova... amiguinha!

Laila dá um tchauzinho para o segurança enquanto o carro é estacionado.

Ela olha para os lados e verifica que é um lugar de difícil acesso, tanto para entrar, como para sair. Uma casa que mais parece uma prisão. Ela verifica as horas. Até então, tudo perfeito.

Na porta da casa, uma senhora veio recepcioná-las.

— Deseja alguma coisa, senhora? — pergunta a empregada.

— Sim, privacidade. Ah, mas antes traga uma bebida para nós, ok?

Elas entram na casa. Laila fica impressionada com a belíssima decoração. Tudo em seu devido lugar, limpo e... caro. Monique parecia ser uma empresária bem sucedida. E qualquer pessoa que conhecesse Laila saberia que ela tiraria proveito disso. Mas não naquele dia. Não naquele momento. Não com Monique. Sua intenção era outra, bem diferente...

Laila verifica os títulos dos CDs de Monique: “The Doors”, “Iron Maiden”, “Nirvana”, “Black Sabbath”, “Metallica”, “AC/DC ”... A empregada serve a bebida para as garotas. Elas brindam. Monique acha graça da Laila ter engolido o líquido num único gole. Elas se entreolham seriamente, então Monique pede licença para se trocar, colocar algo mais confortável e apropriado para o momento. Laila senta no sofá enquanto a nova amiga vai para o quarto. Mas por pouco tempo. Ela verifica mais uma vez as horas e sai em disparada olhando para todos os cantos da imensa casa. Várias portas estão abertas, mas Laila se interessa mais pelas que estão fechadas.

Ela abre e verifica uma por uma, da maneira que só uma ladra sabe fazer.

Nada de anormal nos cômodos foi encontrado. Só restou verificar uma porta, lá nos fundos.

Laila corre, pois tem pouco tempo para concluir a operação, motivo de sua saída naquela noite. O sentido que a move para viver: caçar demônios.

A porta está trancada. Mas com apenas dois alfinetes que sempre carrega consigo conseguiu destrancá-la em menos de 20 segundos.

Porta aberta.

A cena que se descortina provavelmente nunca mais se apagará de sua mente.

Ela já presenciou muita coisa ruim em seus 25 anos de vida, mas esta...

O terrível odor enche suas narinas.

Ânsia. Vontade de vomitar.

Ela tenta não perder o controle e deve se concentrar em seu objetivo e procurar... Procurar por vida.

O quarto está repleto de cadáveres dissecados. Alguns, uns sobre os outros, num canto ao lado de uma parede escura e mofada.

Outros estão nus sobre mesas. Os mais impressionantes estão pendurados pelos pulsos em cordas que vão até o teto. Laila verifica a expressão facial de cada um deles e conclui que morreram sofrendo muita dor.

Ela para em frente a uma garota provavelmente de sua idade. Seu corpo desnutrido revela que ficou ali por muito tempo sem comida e sem água, ou algo lhe sugou a energia, especialidade de alguns demônios.

Laila, vidrada, olha para aquela garota tentando imaginar seu nome ou como ela foi parar ali.

Silêncio.

Concentração.

Olhos se abrem.

Laila dá um salto e quase entra em choque quando percebe que a garota ainda está viva.

Ela tem que se concentrar.

Rapidamente, sobe numa cadeira e desamarra a garota, que cai abruptamente no chão.

Ela olha mais uma vez para o relógio, em seguida coloca o braço da garota sobre seu ombro e a coloca em pé. Com força hercúlea a arrasta até a sala.

Monique, com uma roupa mais confortável, aguarda Laila sentada no sofá. Com os olhos arregalados e surpresa, pergunta: — Mas... o que está acontecendo aqui? Como você...

Já com a arma numa das mãos, ela acomoda a garota semi-morta numa confortável cadeira, depois retira um recorte do bolso e joga no colo de Monique.

— Leia, sua vagabunda.

Jornal Um Dia em São Paulo

A delegacia do bairro de Pinheiros, em São Paulo, informou que cerca de 1 pessoa desaparece todas as noites no bairro e imediações sem deixar pistas há cerca de 3 meses. O sequestro foi desconsiderado, já que algumas das pessoas que desapareceram eram moradores de rua.

As investigações continuam, mas não existe progresso.

Alguns moradores cogitam ser tráfico de órgãos, mas são apenas especulações.

— Você é da polícia, ou... — pergunta Monique com as mãos sobre o sofá, pronta para se levantar.

— Ou... caçadora de demônios, é isso o que você ia perguntar, vadia?

Sem medo e com os olhos luminosos, Monique, com fúria, se levanta e vai de encontro a Laila, que não hesita e dispara.

Tiro de raspão.

Elas se atracam. Arma no chão. Laila chuta a genitália de Monique, ela apenas sorri e responde com um chute que atira a outra para o canto da sala. Laila sente dor, mas isso é para os fracos. Ela se levanta e vai de encontro novamente a Monique, mas desta vez o soco que levou no queixo fez seus olhos lacrimejarem.

— Você terá o mesmo destino que ela, Laila — diz Monique apontando para a garota no sofá, já morta.

Laila não conseguiu salvar a vida daquela garota, mas tentará salvar outras vidas enviando Monique novamente para o inferno.

Mas não está sendo nada fácil.

A todo momento, Laila espera por uma brecha para pegar o revólver caído no chão, a arma mais poderosa que ela tem no momento contra demônios. Mas ela tem outra opção guardada consigo, um soco-inglês de prata, bento como as balas de seu revólver. Monique gargalha ao ver a atitude de Laila com o soco-inglês entre os dedos, mas desfaz o sorriso rapidamente quando leva o primeiro golpe que a faz sangrar. Momento certo para Laila pegar a arma no chão e atirar na empregada que ouviu a luta e apareceu para ajudar a patroa.

Mais um demônio que voltou para sua morada no inferno.

Restam apenas quatro balas. Monique é rápida, difícil de mirar para dar um tiro certo.

Laila resolve usar o plano B. Ela corre, vai até o jardim da casa. Monique caminha

vagarosamente, já sabendo que Laila não conseguirá escapar. O segurança, com o rottweiler na coleira, já está de prontidão. Ele solta o cão do inferno que corre ferozmente em direção a Laila. Ela dispara e o acerta, mesmo assim ele continua o trajeto. Ouve-se mais um disparo. O cão, ferido e baleado, continua correndo e já está bem próximo. Ela não sabia que cães do inferno eram tão poderosos. E, com a penúltima bala no tambor, ela engole em seco e dispara. O cão morre a seus pés.

Laila olha para Monique e para o segurança e resolve atirar nele, um tiro certo, bem no meio da testa. Sem munição, ela corre para o portão.

— Como você acha que vai sair daqui, vai escalar este portão imenso? Você acha mesmo que vai sair daqui viva? — diz Monique usando seu verdadeiro tom de voz, um tom que faria qualquer humano estremecer.

— Não, vadia, está vendo isso aqui na minha mão? — Laila levanta o braço e balança o jogo de chaves, deixando Monique surpresa. — Roubei de você assim que saímos do carro.

Laila aperta o botão do chaveiro e aciona o portão automático, para logo em seguida sair em disparada.

Ela olha o relógio e faz o sinal da cruz. Esta noite está sendo bem mais cansativa do que ela esperava. Os hematomas decorrentes da luta ficam mais visíveis em seu corpo. A dor aumenta. Mesmo assim ela deve correr e continuar com seu plano B. Monique vem caminhando logo atrás, como que se já soubesse que Laila não aguentaria ir tão longe naquele estado.

Laila cai. Monique se aproxima e ergue os braços clamando por forças ocultas. O céu se fecha e a noite fica mais escura. Ainda no chão, Laila se arrasta de costas. Monique está pronta para sugar sua força vital, o mesmo que fez com todas aquelas pessoas. Seus dedos, como garras, estão prontos para desferir o golpe final.

— A sua energia fará parte do meu corpo. Toda a sua...

THUDT

Uma flecha é fincada no crânio de Monique.

THUDT

Outra flecha é fincada em seu pescoço. Surpresa, seu último olhar foi para a torre da igreja, onde padre Antonio Spadoni, sem camisa e de cueca samba canção, ergue seu arco em sinal de vitória.

— Uhuuuuuuuuu!!! — eu li o bilhete que você deixou em cima da minha mesa, Laila — grita Spadoni.

Querido padrego.

Vim hoje até a igreja para combinar uma caçada contigo.

Um poderoso demônio vem matando diversas pessoas para sugar suas energias vitais. Venho investigando este caso faz tempo e finalmente descobri quem ele é. Mas se algo der errado farei o possível para chegar no pátio da igreja mais ou menos às 3 h da manhã. Se alguém estiver comigo ou me perseguindo, sei que você saberá destingir humano de demônio.

Beijos,

Laila

Laila olha para o relógio: 3 h 5 min. Ela calculou tudo muito bem e teve sorte de Spadoni ter lido o bilhete.

Ela se levanta e põe a mão no peito. Dor. Os joelhos doem. Olha para o padre, ainda na torre da igreja, já bebendo uma garrafa com vinho no gargalo. Na porta da igreja, ela vê um homem de capuz, que resolve caminhar vagarosamente em sua direção.

— Ei, ei. Calminha aí. Quem é você? Spadoni, você não vai fazer nada? — grita Laila.

— Fique... deixe eu beber mais um pouquinho, peraí... Fique tranquila, esse aí, pela aura, não é demônio. Além disso, eu o vejo todas as noites quando vem aqui deixar o endereço de onde eu devo comparecer para matar demônios — diz Spadoni, tranquilo.

O homem para e abaixa o capuz, mostrando seus longos cabelos e barba.

— Meu nome é Rafael. Rafael Monte Cerquillo. Eu também sou caçador de demônios e sei muito bem onde quase todos eles estão ou vão todas as noites. Eu tenho bons informantes, mas preciso da colaboração de vocês para algo bem maior que está para acontecer.

Laila cerra os olhos, depois olha para Spadoni, que apenas balança a cabeça em sinal de aprovação.





APRESENTAMOS O CONTO

Magimpérios

POR ALESSANDRO MATHERA

"Que outros guerreiem (enquanto) tu, feliz Áustria, concluis casamentos."

"O sol nunca se põe no Império Britânico."

"Prefiro um exército inimigo pela frente a um vento encanado (do General Inverno da Rússia) pelas costas."

Casas de Habsburgo, de Saxe-Coburgo-Gota e Romanov. Governantes de longevos e extensos impérios. E se seus reis fossem substituídos por poderosos do oculto? Conheça um novo mundo onde a magia tudo rege e aventure-se na tentativa de trazer a tecnologia de volta!

Alessandro Mathera é formado em escrita profissional, criativa e de contos, e já teve suas histórias publicadas em diversas antologias temáticas. Também é servidor público na área de tecnologia da informação.

Quando acordei naquela manhã nublada de abril pensava que seria mais um dia típico do outono carioca. Ledo engano.

Mal acordei e já notei a primeira diferença na rotina: a esfera de diamante onde habita o Oráculo estava totalmente apagada. Eu o cumprimentei e não obtive resposta. Isso foi o suficiente para me fazer correr até o quarto do meu filho: vazio!

Antes que eu saísse de volta, uma voz conhecida me chamava do corredor.

— Alice, sou eu, o Campeão.

Esta foi uma das poucas vezes que ele se anunciou antes de aparecer para mim.

— Campeão, meu filho sumiu e o Oráculo está mudo e apagado! Eu preciso da sua ajuda!

— Acalme-se! O seu filho está mais seguro do que nunca: dentro do Oráculo.

— Como assim? Por quê? O que está acontecendo?

— Mais uma vez, acalme-se! Olhe com mais atenção ao seu redor. Não sentiu as mudanças ainda?

Depois de o Campeão mandar eu me acalmar de novo eu percebo: há mais mana no ar do que antes. Só então me dou conta de que todos os aparelhos e instalações elétricos sumiram!

Entro nos demais cômodos da casa e não encontro nada elétrico! Só então me deparo com um cartaz em cima da mesa anunciado as comemorações do centenário de casamento e coroação da Imperatriz Marie Laveau!

— Pelo visto, tudo tem haver com este cartaz. Outra mudança na linha do tempo! Pelo menos o feitiço de proteção da mente que fiz para não sofrer com a “invasão” de novas memórias, mas da outra vez a mudança afetou você mais do que ao Oráculo. O que ocorreu desta vez?

— Primeiro preciso que você pegue o Oráculo para voarmos até Pierre Saint-Martin.

— Sim, eu me lembro desse local, sete anos atrás, quando fomos guardar de volta a Clepsidra de Cronos.

— Ótimo! Agora, suba que eu te explico tudo o que aconteceu durante a viagem.

Nunca deixo de admirar o ser majestoso que o Campeão é. Tigres comuns chegam a um metro e vinte centímetros de altura, fazendo deles os maiores felinos do mundo, mas o Campeão tem dois metros e ainda possui asas. Excelso!

— Bem, agora que sei parte do que vamos fazer, pode me explicar o que aconteceu no passado? E por que o Oráculo está protegendo meu filho desta vez?

— Uma explicação por vez, Alice. Primeiro você precisa saber que nosso alvo é o Imperador Rodolfo II do Sacro Império Romano-Germânico.

— Mas ele foi um monarca fraco. O Sacro Império praticamente se desfez durante seu governo.

— Correto, mas ele também era um alquimista e seu principal interesse era obter a vida eterna. Quando conseguiu, fingiu a própria morte e passou a vagar pela Europa.

— Certo, mais um maluco imortal que circulou por aí. Desta vez, por quanto tempo?

— Mais de dois séculos e meio. Em 1864 ele estava em Roma quando o Imperador Maximiliano I do México foi encontrar o Papa Pio IX e este resolveu enviar o padre Agustín Fischer como núncio apostólico. Ao perceber a oportunidade, Rodolfo matou o padre e utilizando seus conhecimentos de alquimia, modificou sua aparência e, se passando por padre Agustín, seguiu para o México junto de Maximiliano.

— Muito bem, até aqui eu entendi, mas o governo de Maximiliano I não foi um fracasso e ele deposto e fuzilado?

— Sim, é o que ocorreu na linha do tempo correta. Entretanto, o falso padre Agustín Fischer conseguiu fazer o que o verdadeiro não fez: convenceu Maximiliano a sair do México quando o Marechal François Achille Bazaine retirou as últimas tropas de Napoleão III.

— Até aí eu entendi, mas o Marechal Bazaine deveria retornar para a França, correto?

— Exatamente, Alice, mas o falso padre Agustín, munido de mais uma de suas alquimias, convenceu tanto Maximiliano quanto o Marechal Bazaine a seguirem numa missão de recrutamento de reforços: aportaram em Nova Orleans para encontrar Marie Laveau.

- Bom, agora eu já consigo imaginar como Marie Laveau ascendeu à realeza.
- De fato, começou quando ela conheceu o Imperador, o Marechal e o falso padre. Apesar de Rodolfo II nunca ter saído antes da Europa, seus contatos ao redor do mundo o mantiveram informado ao longo dos anos sobre os muitos ocultistas de outrora. Marie Laveau ficou conhecida do grande público pelo vodu, era a sua especialidade.
- E até onde sei era somente o que ela sabia fazer.
- Correta, porém os planos de Rodolfo II eram grandes como ele não foi quando imperador: a ideia era que eles fizessem Maximiliano I retornar ao trono do México. Desta forma eles comandariam um governo fantoche, ela como Imperatriz e ele como futuro Cardeal. Para tal feito eles precisavam de tropas e a solução era simples: com as fórmulas alquímicas de Rodolfo II, Marie Laveau teve os seus poderes ampliados e passou a invocar exércitos de zumbis.
- Céus! Assim eles têm soldados imortais e infinitos!
- Sim, e desta feita eles regressaram ao México e em primeiro de fevereiro de 1867 tomaram a cidade de Veracruz em apenas um dia. Uma semana depois foi a vez da Cidade do México cair ante o novo exército de Maximiliano I e com isso ele conseguiu consolidar seu Império na América.
- Incrível! Para quem havia sido executado por sua teimosia com outras possibilidades tornou-se triunfante.
- Mas não foi apenas isso: quando Maximiliano soube que sua esposa, a Imperatriz Carlota havia enlouquecido, ele mesmo pediu a anulação do casamento, pedido atendido de pronto pelo próprio Papa Pio IX, tendo ele também sido testemunha dos delírios da Imperatriz. Desta maneira, o caminho estava livre para Marie Laveau desposar Maximiliano I, casamento realizado pelo falso padre Agustín Fischer.
- Campeão, a cada fato que você me conta, só vejo a situação piorar.
- Pois bem, pouco depois do casamento e coroação de Marie Laveau, o falso padre Agustín foi encontrado decapitado nas proximidades do Templo de Santiago. Nunca foi descoberto quem o decapitou, mas acredito que você imagine quem foi a mandante.
- Marie Laveau! Assim ela passou a ser a única influência sobre Maximiliano!

— De início sim, afinal ela precisava dele para consolidar e expandir o Império do México e também para poder pertencer à realeza. Antes do final do ano, eles eliminaram toda resistência republicana que havia no México. Um ano depois da invasão de Veracruz iniciaram uma ofensiva dupla: ao sul contra os países que se formaram a partir da antiga Capitania da Guatemala e ao norte para recuperar o território tomado pelos Estados Unidos, desde a Califórnia até o Texas.

— Algo impensável nas condições de governança anterior de Maximiliano!

— Mas o impensável, Alice, tornou-se real: em um ano a campanha ao sul estava encerrada e em menos de três anos o México havia recuperado todo seu território bem como os Estados de Oklahoma, Arkansas, Louisiana, Mississippi, Alabama e Flórida. Nas palavras do próprio Maximiliano, “o Golfo do México para os mexicanos”, em retaliação aos Estados Unidos e sua Doutrina Monroe.

— De fracassado a falso vitorioso, já que Marie Laveau era quem comandava.

— Afirmação corretíssima, Alice. Depois disso, a influência de Maximiliano só fez aumentar: casou seu irmão mais novo Luís Vítor com a Princesa Isabel e auxiliou o irmão mais velho Francisco José a transformar a Confederação Germânica no Império Germânico, que englobava os territórios do que você conheceu como o Império Alemão e o Império Austro-Húngaro. Depois de dispor todas as “peças de dominó”, bastou Marie Laveau derrubar a primeira para que seu marido se tornasse o monarca do Império Mexico-Braso-Germânico dois anos depois da virada do século.

— E assim Marie Laveau dominou o mundo.

— Negativo, mas isso mudou toda a correlação de forças: Aleister Crowley no Reino Unido e Grigori Rasputin na Rússia, através de suas respectivas observações, descobriram e repetiram o plano de Marie Laveau em seus países de origem. Com isso, temos hoje três grandes impérios governados por monarcas detentores de muita magia, também conhecidos como os Magimpérios, convivendo num estado de pré-guerra similar à Guerra Fria, porém sem armas nucleares ou mesmo qualquer outro avanço tecnológico que envolva eletricidade.

— É pior do que eu imaginava, Campeão! Pelo menos chegamos à Pierre Saint-Martin, mas como vamos enxergar na escuridão da caverna sem o Oráculo poder se manifestar?

— Mesmo neste estado, você pode invocar feitiços simples com ele.

— Então, vamos iluminar o caminho. Oráculo, “lux”!

Assim a caverna mais profunda da Terra se iluminou e iniciamos a busca pela Clepsidra de Cronos. Ainda bem que o Campeão já conhecia todos os caminhos da caverna e ele voa, caso contrário eu morreria ali de fome e perda.

A luz emitida pelo Oráculo também tornou visível a Clepsidra de Cronos para nós. Eu pego o artefato de cristal e conteúdo de gálio como quem pega um bebê no colo.

— Estou pronta, Campeão. Para onde iremos agora?

— Para a Catedral de São Vito, em Praga.

— Certo. Oráculo, “Averte”! E enquanto voamos para Praga, você poderia me explicar porque meu filho está protegido pelo Oráculo sendo mantido dentro dele e não pelos seus soldados.

— Sim, eu estava lhe devendo esta explicação, Alice. O motivo é bem simples: meus soldados estão em alerta contra a possibilidade de invasão por parte dos Magimpérios. Qualquer movimentação deles chamaria a atenção das sentinelas próximas às fronteiras. Eu ainda disponho do meu feitiço de ocultação e proteção. Usei o mesmo durante toda a viagem de ida à sua casa enquanto o Oráculo tratou de proteger o seu filho.

— Entendi. Não gosto de ficar sem a ajuda direta de nenhum de vocês dois nas missões, mas prefiro assim, com meu filho protegido. E o que vamos fazer quando chegarmos à Catedral de São Vito?

— Eu vou invocar novamente o feitiço de ocultação e proteção ainda nos arredores de Praga. Depois de entrarmos na Catedral, você vai se concentrar no dia vinte de fevereiro de 1612, um mês depois da morte de Rodolfo II, e girar a Clepsidra de Cronos três vezes. Depois disso, o assunto é comigo!

— Sem problemas!

Em pouco tempo vislumbro Praga e o Campeão nos leva para dentro da Catedral. Apesar da presença de alguns fiéis, ninguém nos nota devido ao feitiço do Campeão. Eu sigo as instruções dele e somos envolvidos por um clarão de luz.

Continuamos na Catedral, porém a mesma agora está vazia e mais escura como se já fosse o começo da noite. O Campeão encerra o seu feitiço e sussurra ao meu ouvido.

— Já vejo daqui a tampa da sepultura de Rodolfo II se mover. É hora de agir!

Ele corre quase tão rápido quanto voa. Ainda bem que continuei em cima dele, caso contrário ficaria para trás. Rodolfo II sai da sepultura e antes que se dê conta do perigo que corria, o Campeão arranca sua cabeça com uma patada potente. A cabeça, ironicamente, cai de volta dentro da sepultura enquanto o restante do corpo desaba. Com um segundo golpe do Campeão o corpo é lançado dentro da sepultura.

— Minha vez, Campeão! Oráculo, “prope sepulcrum”.

Assim a sepultura está novamente fechada.

— Oráculo, “mundare”.

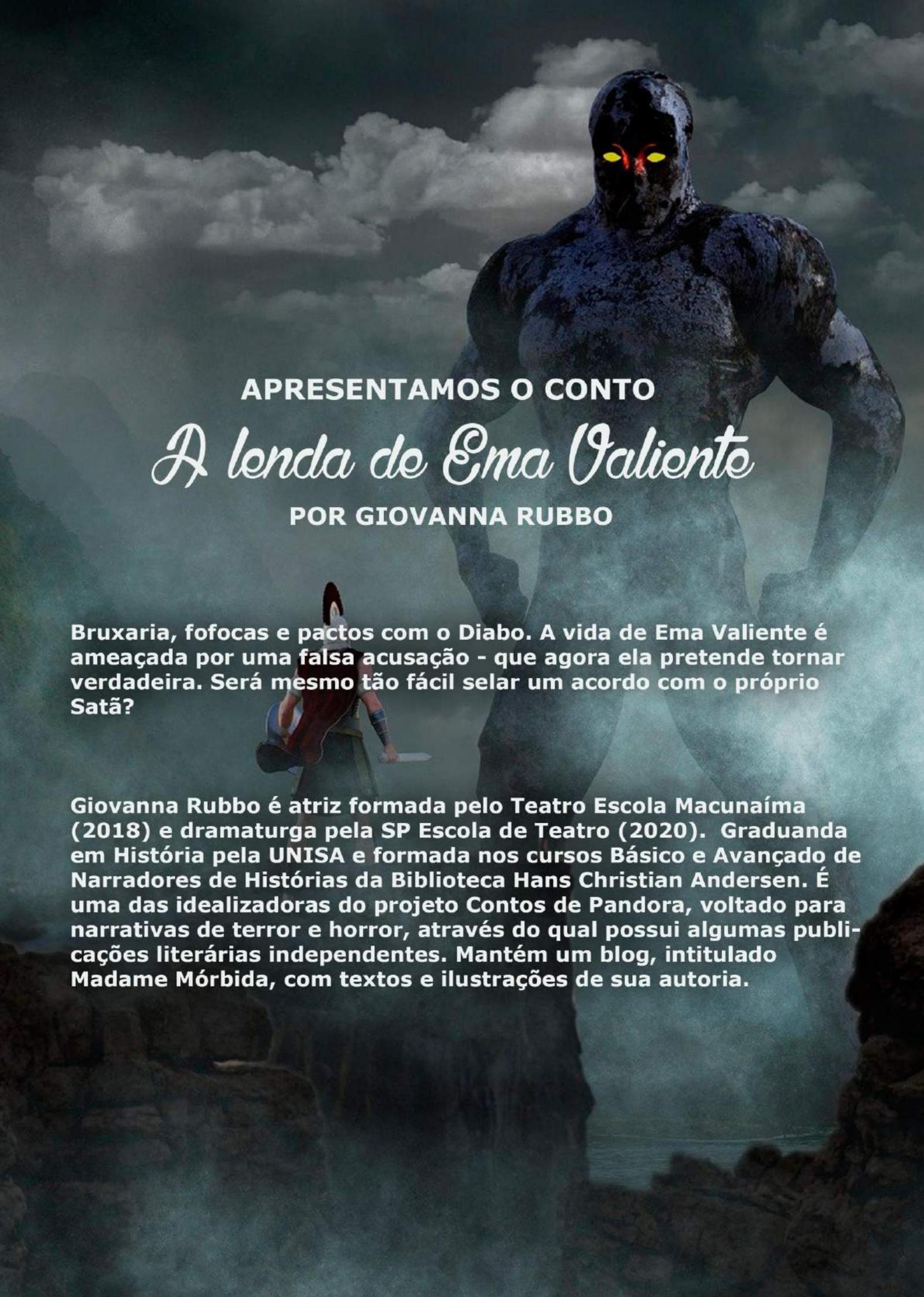
E o chão fica limpo do sangue.

— E agora, Campeão?

— Missão cumprida, Alice. Agora é só retornarmos a 1967, guardarmos a Clepsidra de Cronos, levar você de volta para sua casa e seu filho ser liberado de dentro desse bunker chamado Oráculo.

— Sim, é o que mais quero, ficar de volta com meu filho! Vamos!





APRESENTAMOS O CONTO

A lenda de Ema Valiente

POR GIOVANNA RUBBO

Bruxaria, fofocas e pactos com o Diabo. A vida de Ema Valiente é ameaçada por uma falsa acusação - que agora ela pretende tornar verdadeira. Será mesmo tão fácil selar um acordo com o próprio Satã?

Giovanna Rubbo é atriz formada pelo Teatro Escola Macunaíma (2018) e dramaturga pela SP Escola de Teatro (2020). Graduada em História pela UNISA e formada nos cursos Básico e Avançado de Narradores de Histórias da Biblioteca Hans Christian Andersen. É uma das idealizadoras do projeto Contos de Pandora, voltado para narrativas de terror e horror, através do qual possui algumas publicações literárias independentes. Mantém um blog, intitulado Madame Mórbida, com textos e ilustrações de sua autoria.

Ema acendeu todas as velas com as mãos um pouco trêmulas, o coração descompassado, partido, os olhos muito abertos, fundos, um pouco escondidos pelas sombras do pesar. Estendeu as cartas de tarot - velhas, engorduradas e com as bordas amassadas- sobre a mesa redonda e soprou o incenso de pimenta com um suspiro doloroso.

Queria o diabo ali, na sua sala, pés de bode, odor de enxofre. O pacto especial que arruinaria para sempre a vida daqueles que tramaram para destruí-la, nem que isso custasse sua alma, sua danação. As ofensas e humilhações haviam atingido o seu ápice naquela noite. Proibida de ir ao baile, difamada por toda a vizinhança. Manchada para sempre pela vergonha e pela desonra.

Chamou por Satã com a voz rouca. Não a acusavam de ter parte com o demônio? De ser mulher do próprio capeta? Então assim seria. Ema usaria uma aliança de ferro e uma coroa de espinhos, seria a noiva que o diabo desejava, cobriria a cabeça com o véu negro da perversidade e abraçaria a perdição.

O filho do prefeito se encantara por Ema. Admirava a habilidade da moça em tocar flauta, talento que herdara do falecido pai. Excelente musicista, a órfã sempre tocava nos bailes e cerimônias oficiais da cidade, o que lhe garantia contato com as classes mais altas e as famílias mais respeitadas da região. Ouviam-se boatos de que o filho do prefeito estava apaixonado e que, apesar da relutância do pai, se preparava para propor o noivado.

Ema não sabia se aceitaria, apesar da lisonja de tal proposta. Mas ela não teve muito tempo para pensar no assunto, pois o vizinho, um fazendeiro abastado, cuja filha, antes de Ema, era a principal candidata a trocar votos com o rapaz, tratou de fazer a caveira da moça. Descaradamente, afirmou para toda a cidade que Ema era uma mulher maldita, que promovia orgias profanas em noite de lua e dançava nua no quintal com um homem que tinha pés e chifres caprinos.

A vizinhança, sempre ávida por histórias repugnantes, não pode resistir a comentar o caso da jovem órfã, musicista talentosa, bonita e, por isso mesmo, muito suspeita. O falatório tomou tais proporções que Ema foi desconvidada para o baile de aniversário da cidade e nem mesmo o filho do prefeito se dignava mais a olhá-la nos olhos. Seu contrato como preceptora de música no colégio foi anulado, e ela sabia que estava sendo investigada

legalmente e, na ausência de provas que pudessem condená-la, o influente vizinho trataria de fabricá-las – era apenas uma questão de tempo.

Era essa sua sina. Condenada por mentiras, inveja, tudo causado por ter atraído a atenção de um homem de quem ela sequer gostava! Era a noite do baile, e a revolta em seu coração a fazia desejar que o próprio Senhor das Trevas lhe aparecesse. O provável charlatão que lhe vendera o tarot aconselhara Ema a sacrificar um animal, mas ela não achava justo que um pobre bode ou gato vadio pagasse com a vida por seus desejos pessoais de selar um pacto maligno, um pacto de vingança.

Era quase meia-noite quando uma figura se moveu nas sombras. Ema piscou, achando que seus olhos estavam sendo enganados pelas chamas bruxuleantes das velas. Sentindo a nuca formigar, chamou o nome do diabo mais uma vez, em tom baixo e grave.

Mas a figura que se aproximou da luz em nada parecia um bode, ou mesmo um homem. Era uma mulher de longos cabelos negros, usando um vestido longo, cor de sangue, e fumando um charuto. Sem olhos, suas órbitas pareciam vazias, e ela emanava terror e sensualidade.

— Ema Valiente, é isso mesmo que você quer? Você quer voar em uma vassoura, Ema Valiente?

Ema sentiu a língua paralisada por alguns segundos, e quando conseguiu falar, disparou em perguntas.

— Quem é você? É uma bruxa? Foi Satã que lhe mandou?

A mulher soprou a fumaça do charuto, deixando toda a sala enevoadada.

— Ninguém manda em mim, eu sou o caos. Você quer criar o caos, Ema Valiente? Se deseja realmente invocar o Senhor das Trevas, vai precisar de mais do que isso. Mas eu posso lhe ajudar, Ema Valiente.

Ema sentiu os lábios trêmulos, mas não era medo, constatou; era desejo.

— Quero me vingar. Qual o preço da liberdade?

— O preço você acerta com o destino. Vou lhe dar um presente, Ema Valiente. Eu sou aquela que a viu nascer marcada pela Lua do Lobo. Você vai ao baile esta noite.

E quando as chamas da vela se alongaram, Ema estava flutuando sobre o tapete da sala. O vestido deslizou sobre o seu corpo, deixando-a nua. Seus cabelos se fizeram vivos, seus olhos se fizeram vermelhos e seu coração parecia rugir. Deveria estar apavorada, mas não estava. Sentia um fogo ambicioso queimar abaixo de sua pele, e quando a vassoura que estivera encostada na janela foi parar em sua mão, ela soube o que fazer.

Cruzou o céu noturno em sua peculiar montaria enquanto o sino da igreja badalava doze vezes e, maravilhada, ensandecida e faminta, viu as luzes do baile a alguns metros abaixo. O inferno inteiro queimava dentro de si e, planando sobre barracas e casais dançantes, fez soar dos próprios lábios um lamento tenebroso de flauta doce.

Vários olhares espantados se ergueram para os céus, a tempo de ver apenas a fúria rubra e apaixonada que os observava de cima, antes que todas as luzes festivas se apagassem. E em meio aos gritos, o medo e a insanidade que se sucedeu, o riso de Ema era o som mais satisfatório para as almas que acordavam no cemitério e para as outras meninas proibidas de saírem para dançar.





APRESENTAMOS O CONTO

Surpresa à meia noite

POR LIANA ZILBER VIVEKANANDA

Rui é um jovem solitário, com muitas dificuldades, uma delas, a insônia. Certa noite em que estava dormindo, tocou o celular e ele recebeu um estranho telefonema. Deus decidiu, em sua solidão, ligar para ele. Ocorre que Rui também é ateu, acha que está recebendo um trote. A conversa se desenrola até que ele começa a acreditar que de fato o criador em pessoa está falando com ele, mas um problema técnico interrompe a conversa.

A autora nasceu em São Paulo e atualmente mora em Curitiba. Formada em Arquitetura e Filosofia, também em artes, sempre apreciou a literatura. Ler sempre foi sua maior paixão. Participante do núcleo de literatura e cinema André Carneiro desde 2008, tem participação em diversas antologias do selo Nebula, duas em antologias do Núcleo de Literatura e um livro solo, Um dia sem calendário.

Meia-noite! O celular começou a vibrar sem cessar, e até que Rui o encontrasse na bagunça do seu armário, levou uma topada no dedão do pé, uma cabeçada no armário antes de acender a luz e dar cerca de dez xingadas bem dadas. O armário era uma mistura de roupas limpas e usadas, chinelos, revistas, até um resto de pacote de batatas fritas.

Quando enfim localizou o aparelho, ele estava vibrando com um número desconhecido.

— Vou acabar com esse desgraçado! — resmungou o rapaz. — Alô!

— Alô! – respondeu uma voz possante do outro lado.

— Quem é você, caramba? Isso é hora de ligar? Afinal um cristão não tem o direito de dormir em paz?

— Ei, ei, devagar, meu filho! E o que o fato de ser cristão lhe daria um direito maior de dormir que seus irmãos? — a voz se tornou pausada e suave.

— Quem é, afinal? — indagou Rui impaciente.

— Deus! — a voz ribombou como trombetas.

— Sem essa, me acordou para me dar um trote? Vou marcar seu número seu safado! — Rui olhou no visor, mas não conseguiu compreender a sequência de hieróglifos.

Depois de uma semana de insônia, essa havia sido a noite em que ele enfim conseguiu dormir. Se havia uma coisa que o jovem não queria era perder tempo numa conversa fiada.

— Já disse, sou Deus! Sem trotes — retrucou novamente a voz.

— Está falando num megafone? Olhe, escute, essa é a primeira noite da semana que consegui dormir sem comprimidos. O que você quer? — o jovem preparava-se para deitar-se de novo nos seus lençóis convidativos.

Lá fora uma chuva mansa tamborilava na vidraça, o ar fresco até causou um leve arrepio. Clima ideal para uma ótima noite de sono. Mas então, do outro lado, Rui ouviu uma fungada.

— Ei, o que é? Está com alguma encrenca? — ele refletiu se de verdade alguém estava em apuros. Se este seria mesmo um pedido de ajuda.

— Se você, que é simples mortal, acha que sofre de insônia, imagine eu!

— Ok, me desculpe, mas se você diz que é Deus, o Todo Poderoso, é só dar uma ordem e tudo se ajeita! — o rapaz tentava argumentar com lógica.

— Esse é o mito que vocês criaram. E esse Todo Poderoso com maiúscula? Logo se vê que não me conhecem nada bem.

Se já era difícil acreditar em tanto telefonema mentiroso e golpes por telefone, aquela era a ligação mais esdrúxula que ele havia recebido.

— E afinal por que está me ligando? Deve saber que sou ateu!

— Veja só! E, no entanto está falando com Deus! Não acredita em mim? E de quem é essa voz que vos fala? — parecia uma fala do Velho Testamento.

— Olhe, desculpe o mau jeito, mas pode ser qualquer maluco que acha que é Deus, eu sei lá, o que você me diz? — Rui bocejou querendo acabar a conversa.

Uma voz trovejante se fez ouvir do outro lado. A mão de Rui tremeu e o celular quase caiu.

— Caramba, o que é isso agora?

— Essa voz você reconhece? Tenho que ser o bravo para me respeitarem? Mas estou cansado dessa farsa! Vamos lá, Rui, todos me pedem coisas, uma vez que peço alguma coisa tenho que enfrentar esse vexame todo.

— Ok, então qual é seu problema? — o rapaz voltou a se sentar na beira da cama. Nova fungada. — Solidão!

— Deus solitário? Essa eu resolvo fácil! Dê-me a vida eterna e fico para sempre conversando com você. — Rui deu uma risadinha sarcástica.

— Pensa que não tentei a eternidade? Só consegui até hoje fazer perecíveis.

— Também assim eu me sinto uma maionese meio estragada! E você então, por que é eterno?

Rui consultava o relógio a todo instante, lembrando da reunião que teria logo cedo no escritório. E na quantidade de chatice que teria que enfrentar.

— Acha que eu sei? Por que acham que sei tudo?

— E a história do onisciente e onipresente? — ele continuava.

— Não me pergunte. Vocês escrevem essas coisas e depois vêm tirar satisfação comigo. — mais uma fungada.

— Se tem uma coisa que eu não esperava era ser acordado para ouvir Deus choramingar no celular. Ei, essa conta vai sair caro, onde você está agora?

— Criando alguns astros, não ouve o ruído? — um ruído imenso e distante de explosões e choques se ouvia no celular.

— Sim, eu ouço. Achei que estava numa autoestrada. Aproveitando que você me ligou, posso fazer umas perguntas? — a essa altura, Rui achou melhor participar da farsa.

— Pode, mas se não acredita em mim vai acreditar no que eu responder?

— Bem, quem sabe me faz mudar de ideia. Aliás, seria o máximo porque sempre quis acreditar, mas sério, não consegui.

— Com tanta lorota que inventam, nem eu acreditaria. — dava para imaginar um muxoxo divino.

— Então, qual o sentido da vida? Por que nos criou?

Silêncio absoluto.

— Deus? Você está aí?

— Claro, quero lhe dar a melhor resposta poss...

Rui fitou o aparelho com a luz vermelha piscando.

— Não! Nããããã! Não acabe a bateria agora! Deus, faça com que a bateria do meu celular continue funcionando — Rui se agitava frenético correndo atrás do carregador.

—... E ainda querem continuar acreditando em milagres, ... — a voz continuou até que sumiu de vez.

— Nããããããã! Cadê meu carregador? Vou ligar de volta!

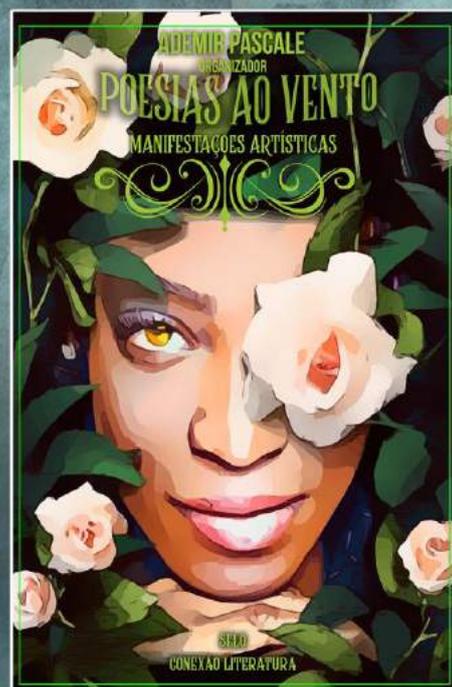
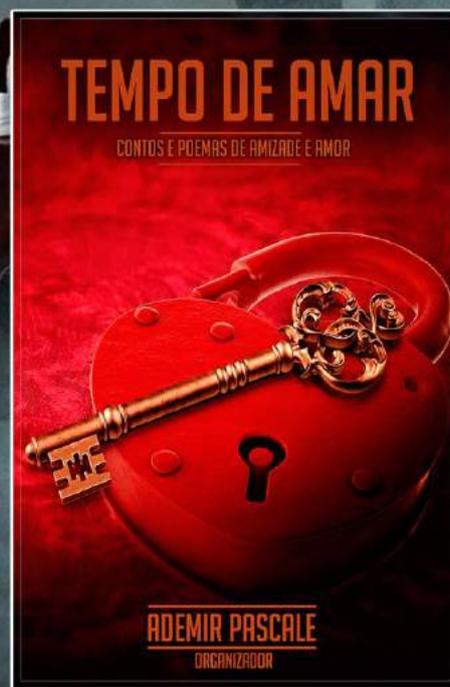
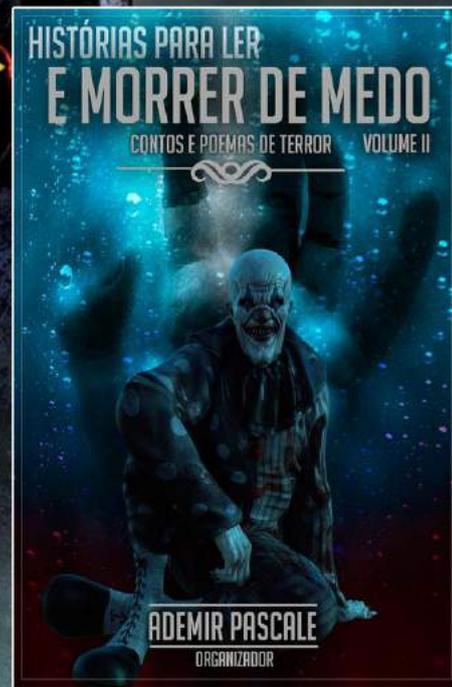
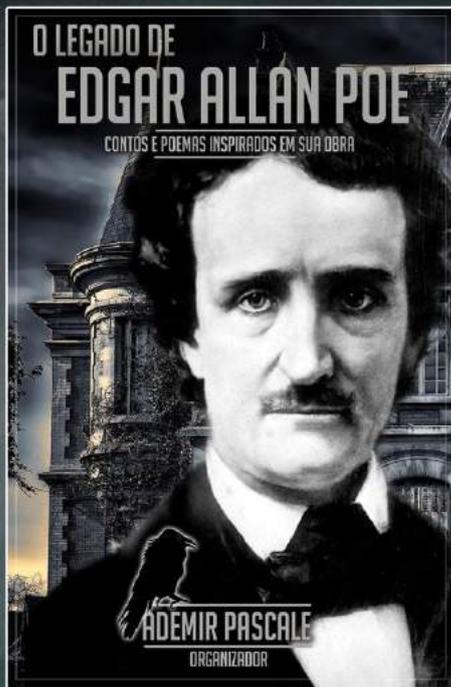
Nisso caiu no chão o aparelho e se desmontou todo. O jovem fez tudo o que achou possível para montar rápido o celular, buscou o carregador, mas nada mais encontrou. Rui enxugou uma lágrima doída, afinal já estava entrando no clima. Muito desapontado, respirou fundo e apertou os olhos. Outra surpresa dessas decerto não teria mais.

Voltando cabisbaixo para a cama após abrir um pouco a vidraça, pensou em voz alta:

— Sério, depois dessa, duvido que consiga dormir de novo...



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAS EM ABERTO: CLIQUE AQUI